



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS**

TÁRSILA LORENA LIRA ANDRADE

ANALISANDO A OBRA *CLUBE DA LUTA*: QUEBRANDO A PRIMEIRA REGRA

**Guarabira
2019**

TÁRSILA LORENA LIRA ANDRADE

ANALISANDO A OBRA *CLUBE DA LUTA*: QUEBRANDO A PRIMEIRA REGRA

Monografia de pesquisa apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para o Trabalho de Conclusão de Curso, para obtenção do título de Licenciatura em Letras Inglês.

Área de concentração: Teoria literária.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima

Guarabira
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A553a Andrade, Tarsila Lorena Lira.
Analisando a obra Clube da Luta [manuscrito] : quebrando a primeira regra / Tarsila Lorena Lira Andrade. - 2019.
64 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima ,
Coordenação do Curso de História - CH."
1. Clube da Luta. 2. Dissociação. 3. Crítica Social. 4. Atos Anárquicos. I. Título

21. ed. CDD 860

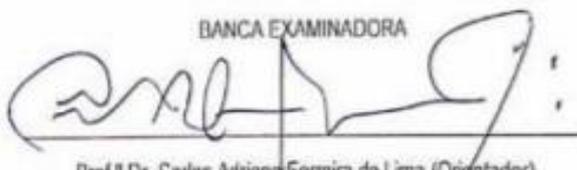
TÁRSILA LORENA LIRA ANDRADE

ANALISANDO A OBRA *CLUBE DA LUTA: QUEBRANDO A PRIMEIRA REGRA*

Monografia de pesquisa apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para o Trabalho de Conclusão de Curso, para obtenção do título de Licenciatura em Letras Inglês.

Aprovado em: 29/11/19

BANCA EXAMINADORA



Prof.º Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª Ma. Clara Mayara Vasconcelos (Examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.º Dr. José Vilian Manguiera (Examinador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente aos meus pais. Não fosse por todos os seus sacrifícios e dedicação, eu não estaria onde estou hoje. Obrigada Dona Gena e Seu Paulo por todo sermão e todo esforço, vocês nem imaginam o quanto eu aprecio tudo o que passamos juntos para eu chegar onde cheguei. Vocês são o meu Norte.

Ao meu Gordo, meu irmão, meu maior estresse e Amor, que durante primeira semana quando eu saí de casa para focar nos estudos, escreveu no meu guarda-roupa: “Lorena, tô com saudades, volta logo, te amo”. Estou voltando (e você, provavelmente, indo), deu tudo certo, tá vendo como passou logo?

Aos meus fiéis “parceiros de crime” que aguentaram de tudo comigo na UEPB: Matheus Silva e Ludmilla Campelo. Amados, todo dia sinto falta de como a gente fazia um ao outro literalmente chorar de rir com qualquer besteirinha. A companhia e amizade de vocês foi essencial para muito mais do que vocês imaginam.

Maria Gabriely e Ananda Julia: vocês apareceram do nada e agora não consigo mais me enxergar sem vocês, minha “historiadeira” e minha futura advogada. Vocês se tornaram lar para mim, e sou grata por cada segundo vivido com vocês. Obrigada por tudo.

A Priscilla Larissa e sua incrível noiva, Thâmara Damarys: obrigada pela paciência, mais que tudo, vocês foram de suma importância para que eu tivesse confiança na minha capacidade.

Maria Isabel e Ana Karen: são mais de 10 anos uma na vida da outra, temos histórias juntas e vocês são minhas irmãs. Obrigada por me fazerem tão bem e serem tão lindas. Estávamos juntas no ensino médio e agora estamos vendo umas às outras se formando na universidade. Perfeito.

Ângela Freitas e Joyce Caroline: trocávamos mensagens falando besteira das pessoas da nossa escola. Hoje, uma é oficialmente Psicóloga, uma é Odontóloga e uma é Professora. Apesar de todos esses anos – e não foram poucos – continuamos presentes uma na vida da outra, e espero que assim continue.

Aos Mestres: Carlos Adriano, meu orientador, pela paciência e por compartilhar comigo sabedorias que irei levar para o resto da vida. Foi grandioso demais poder dividir esse momento tão importante com uma pessoa que também ama este livro a ser trabalhado e que tanto admiro desde a primeira aula. Você é incrível. Vilian Manguiera, obrigada pelas broncas e por me fazer ler tão detalhadamente textos que pareciam não ser nada de mais, mas acabaram sendo. Você expandiu meus horizontes no mundo da leitura, e por isso, sou grata. Clara Vasconcelos, você se provou uma amiga de verdade em inúmeros momentos durante a graduação e é uma professora que vou lembrar e guardar com imenso carinho para sempre.

Mayla Aracelli Dantas e Matheus Santos do Nascimento: vocês estão tão longe de mim agora, mas continuam muito presentes e são de imensa importância na minha vida. Xepa, durante toda a minha graduação você esteve me dando forças para não desistir e sendo a melhor amiga que alguém poderia ter, e por mais que você esteja do outro lado do oceano agora e a gente nem se fale mais como antes, eu jamais poderia deixar de mencionar você aqui. Você esteve mais do que presente quando eu quase desisti de tudo, e agora estou aqui, concluindo de cabeça erguida essa fase da minha vida, e logo menos espero estar aí em Portugal com você. Teteu, ou devo dizer “meu Bring Me The Horizon Doomed Live at Albert Hall”? Você chegou igual um desastre natural na minha vida: sem aviso prévio, fazendo uma bagunça enorme. Mas não foi embora, continuou presente apesar de tudo, apesar de toda a bagunça causada. Obrigada por aguentar todos os meus desesperos, por me dar conselhos importantíssimos, por estar me ajudando imensamente nesta fase, acreditar tanto em mim e me manter forte. Jamais poderia imaginar que logo você se tornaria tudo que você é para mim hoje.

E agradeço, também, a mim mesma: Társila, muito obrigada por não ter desistido de muito mais do que do seu curso lá em 2015, eu estou muito feliz de termos chegado até aqui e por termos conseguido passar por tanto mesmo quando achávamos que simplesmente não ia dar mais. Você é enorme e vai conquistar tanto ainda nessa vida, continue sempre provando a si mesma o quão forte você consegue ser mesmo naqueles dias que não conseguimos ter fé. Tenho orgulho de você.

“Se você perder a coragem antes de atingir o fundo do poço – Tyler explica -, jamais terá sucesso de verdade. Apenas depois do desastre é que podemos ressuscitar. Apenas depois de perder tudo é que você estará livre para fazer qualquer coisa.”

Chuck Palahniuk, 1996, p. 70

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. APRESENTANDO <i>CLUBE DA LUTA</i>	14
3. O TRANSTORNO DISSOCIATIVO DE IDENTIDADE	29
4. TYLER DURDEN	39
5. O NARRADOR – ANÔNIMO	49
6. MARLA SINGER	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61

RESUMO

O seguinte trabalho constitui-se de uma análise literária do romance *Clube da Luta* (1996), escrito por Chuck Palahniuk, sob a perspectiva da ficção em torno da violência voltada ao Transtorno Dissociativo de Identidade, que acomete a personagem principal - o narrador da história, que não possui um nome - e os impactos causados a ele e às pessoas de seu convívio. A análise também aborda características das personalidades de Tyler Durden, o antagonista e dupla personalidade do narrador, e de Marla Singer, coadjuvante, personagem fundamental no desenvolver da narrativa buscando, por conseguinte, associar a crítica social feita há mais de 20 anos pelo autor à geração escrava do consumismo e materialismo. Partindo de uma crítica à sociedade contemporânea de maneira intrigante, utiliza-se como base teórica a Análise Estrutural da Narrativa (BARTHES [et. al.] 2008) e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM – 5), bem como os estudos de Chiappini (1985), Brait (1985), Choi-Kan (2016), Han (2015), La Boétie (1549), entre outros autores, para discussão sobre as personagens e enredo. Utiliza-se como metodologia: métodos descritivos, comparativos e hipotético-dedutivos da ficção literária com a realidade através da análise crítica do enredo nas entrelinhas, resultando em uma análise de como a obra vai além de um romance cheio de ação.

Palavras-chave: clube da luta; dissociação; crítica social; atos anárquicos.

ABSTRACT

The following work is a literary analysis of the novel *Fight Club* (1996), written by Chuck Palahniuk, on the perspective of the Dissociative Identity Disorder which affects the main character – the narrator of the story, who is nameless – and the impacts caused to him and the people around him. The analysis also approaches the personality characteristics of Tyler Durden, antagonist and dual personality of the narrator, and Marla Singer, supporting role, fundamental character in the narrative's development, also seeking to associate the social criticism made by the author more than 20 years ago to that workaholic, consumerist, materialistic generation. Starting from an intriguing critique of contemporary society, *The Structural Analysis of the Narrative* (BARTHES [et. al.] 2008), and the American Psychiatry Association (DSM – 5) are used as theoretical support, as well as the studies of Chiappini (1985), Brait (1985), Choi-Kan (2016), Han (2015), La Boétie (1549), among other authors, for the discussion on the characters and plot. It is used as methodology: descriptive, comparative and hypothetical-deductive methods of literary fiction with reality through the critical analysis of the plot between the lines, resulting in an analysis of how the literary work goes beyond an action-packed novel.

Key-words: fight club; dissociation; social criticism; anarchism acts.

1. INTRODUÇÃO

Clube da Luta é um romance lançado em 1996, escrito por Chuck Palahniuk, que trata, sob uma perspectiva crítica-reflexiva, acerca da sociedade de consumo¹ na contemporaneidade, e como ela afeta os indivíduos mais inertes, e percebe-se que temas como capitalismo, sociedade de consumo e atos de anarquismo como face política, onde os personagens não concordam e se revoltam contra o Estado, são assuntos sempre abordados na narrativa. Não bastasse, tudo isso envolve o Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI) da personagem principal. Dito isso, o presente estudo busca, primeiramente, apresentar uma análise crítica-literária do enredo, abordando o julgamento social nele presente. Em seguida, faz-se uma explicação sobre o TDI, e, logo após, análises sobre o protagonista, antagonista e personagem secundária, destacando como este romance trata de assuntos cruciais para a sociedade, finalizando com as considerações finais acerca de minhas observações sobre o romance.

Inicialmente, a história tinha apenas sete páginas que, de acordo com Tom Spanbauer, professor de redação do autor, era o tamanho perfeito de uma história curta, (PALAHNIUK, p. 217). Segundo o próprio autor, no posfácio de *Clube da Luta* – edição de colecionador, tradução de Cassius Medauar... [et al]. São Paulo: LeYA, 2016: “Era apenas um experimento para passar uma tarde que se arrastava no trabalho” (p.217). Hoje, este experimento é o que conhecemos como o capítulo seis da obra. O autor relata no prefácio do livro que *Clube da Luta* vendeu menos de cinco mil exemplares no seu ano de lançamento, configurando um imenso fracasso no mercado estadunidense.

O enredo conta com grupos que cometem atos de anarquia², inicializados por seus personagens principais, no caso, o narrador, anônimo, e Tyler Durden, que querem derrubar o Estado. Também se fazem presentes questões amorosas, doenças mentais, como a depressão e suas consequências, e como “talvez a autodestruição seja a resposta” (p.51) para a questão de como escapar do nosso

¹ Explicação acerca da Sociedade do Consumo presente no capítulo 4 “Tyler Durden”.

² No romance, faz-se uso do termo “anarquismo”, porém, nesta pesquisa não se chegou às inferências de ser o mesmo do movimento político homônimo, pois são apenas um grupo que comentem atos anárquicos, não podendo ser caracterizados de fato como anarquistas, por estarem dentro de um Estado – mesmo que queiram derrubar este.

próprio vazio. Além disso, o enredo aborda uma patologia conhecida como Transtorno Dissociativo de Identidade, na qual o paciente desenvolve múltiplas personalidades como mecanismo de defesa para escapar de uma realidade que ele já não consegue mais lidar. O modo como isso é abordado na obra nos faz refletir sobre como às vezes estamos tão cegos por algo que não enxergamos nossa maior força, dentro de nós. Somos nós mesmos. Por ser uma obra que causou grande impacto não só na minha vida, mas também na de inúmeras outras pessoas, a escolhi para analisar neste trabalho.

De acordo com Kavadlo (2005):

Palahniuk has pioneered a new genre, the fiction of selfdestruction³: his subject and subtext for all novels is, of course, selfdestruction- fight clubs, explosions, and deliberate plane crashes – but the novels themselves philosophically and narratively self-destruct as well, in their recurring irony and twist endings.⁴

Clube da Luta foi seu primeiro romance publicado e, também, o primeiro do autor a ganhar uma versão homônima de longa-metragem para o cinema (1999).

Charles Michael Palahniuk, popularmente conhecido como Chuck Palahniuk, nasceu em 21 de fevereiro de 1962 e aos 24 anos formou-se em Jornalismo pela Universidade de Oregon. De acordo com as informações sobre o autor disponíveis pela editora responsável pela publicação de suas obras no Brasil, Leya; seis anos antes de se formar, quando ainda era estudante na Columbia High School, Palahniuk ganhou o prêmio de “aluno mais sagaz” da escola, além do elogio e conselho de seu professor que falou que ele “tinha uma ótima escrita, e que escrever livros seria melhor que tacar fogo nas coisas”⁵. Alguns anos após o término da sua formação acadêmica, Palahniuk começou a escrever livros. Porém, no início, não obteve o sucesso esperado. Ele escrevia romances de até 700 páginas, que eram recusados pelas editoras devido à falta de familiaridade com seu estilo de

³ “A ficção da autodestruição” não é algo oficial na literatura, foi uma forma carinhosa que Kavadlo quis tratar o estilo de escrita de Palahniuk, inclusive o chamando pioneiro desse gênero.

⁴ “Palahniuk foi o primeiro em um novo gênero, a ficção da autodestruição: seu tema e subtexto para todos os romances são, é claro, autodestruição, clubes de luta, explosões e deliberados acidentes de avião – mas os próprios romances se destroem filosófica e narrativamente também, em seus finais irônicos e com reviravoltas”.

⁵ Disponível em: <http://leya.com.br/blog/conheca-chuck-palahniuk/>. Acesso em: 06 out. 2019

escrita sombrio. Mesmo irritado com as rejeições, Palahniuk manteve o tom assustador em suas histórias e decidiu se dedicar ao gênero.⁶

Ninguém poderia imaginar que o romance se tornaria o sucesso que é hoje. A versão de colecionador do livro, além de conter a narrativa completa, ainda conta com um prefácio intitulado “Coisas que não deram errado”, que é uma nota de abertura para esta edição em especial escrita pelo próprio autor – não encontrado na edição regular –, o posfácio, o roteiro do longa-metragem de 1999, e extras: “Painel com Chuck Palahniuk na San Diego Comic Con 2014” (p.455) e, para finalizar, um artigo escrito por Natália Bridi intitulado “Por que continuamos falando sobre *Clube da Luta*?”. A escolha desta edição do livro para esta análise deve-se à quantidade de elementos paratextuais⁷ e discursos de acompanhamento, como relatos do próprio autor e demais elementos ausentes em edições anteriores e posteriores, que acredito poder acrescentar bastante nesta análise.

É possível notar que, durante toda a obra, Palahniuk faz uso do mistério. De maneira quase despretensiosa, mas muito bem encaixada, ele descreve momentos que revelam alguns segredos que podem passar despercebidos pelos leitores desatentos, e é uma das características mais presentes na obra *Clube da Luta*. Por exemplo, a seguinte citação que aparece mais de uma vez no decorrer da obra: “Eu sei disso porque Tyler sabe disso” (PALAHNIUK, 1996, p.27-), que acaba por ser a reviravolta da narrativa.

Palahniuk relata que alguns acontecimentos em sua vida foram o gênese de *Clube da Luta*, sua inspiração para a criação do conto. Para transformar a história curta em um livro, ele acrescentou histórias que seus amigos o contaram que vivenciaram:

Naquela época, eu estava com um olho roxo que não sarava, uma lembrança de uma briga nas minhas férias de verão. Ninguém que trabalhava comigo tinha perguntado sobre aquilo, então imaginei que você poderia fazer o que quisesse em sua vida privada se a coisa o deixava tão machucado e ainda assim ninguém queria saber os detalhes (PALAHNIUK, 1996, p.216).

Clube da Luta teve e ainda tem impacto na sociedade por causa da leitura marcante, com muitos momentos que nos fazem questionar a nossa função no

⁶ Disponível em: <http://leya.com.br/blog/conheca-chuck-palahniuk/>; acesso em 06/10/19.

⁷ Elementos que margeiam o texto, ou seja, o posfácio, o roteiro, as notas e os extras.

mundo e como as coisas podem estar tão erradas com tudo ao nosso redor. Um exemplo disso é quando Tyler narra: “Vocês não são um grão de neve belo e único. Vocês são a mesma matéria orgânica em decomposição que todos os outros são, e somos todos parte da mesma pilha de compostagem” (PALAHNIUK, 1996, p.133), e continua: “nossa cultura nos fez sermos todos iguais. Ninguém mais é verdadeiramente branco, preto ou rico. Todos queremos a mesma coisa. Individualmente não somos nada.” (PALAHNIUK, 1996, p.133), uma crítica do autor ao fato de a humanidade ter se tornado vazia de personalidade e seguidora de apenas um rótulo para aceitação de um todo.

Os leitores da obra absorveram as lições da história e utilizam citações sempre que possível, pois encontram nelas um sentido e se identificam. *Clube da Luta* foi adaptado ao cinema em 1999, dirigido por David Fincher, e virou inspiração para outras obras famosas, como a série de TV *Mr. Robot* (2015-), e também o episódio de número 488 da 23ª temporada de *Simpsons*, intitulado “*Bart Stops to Smell the Roosevelts*” (2011). Porém, houve também polêmicas envolvendo a obra, como é o caso de Mateus da Costa Meira, que no dia 3 de novembro de 1999, ano de estreia do longa-metragem, entrou na sala de cinema onde o filme estava sendo exibido no Shopping Center Morumbi, em São Paulo, e disparou contra a plateia com uma submetralhadora, deixando três mortos e quatro feridos.⁸

Após reler este romance, desta vez sob nova ótica, e reassistir ao filme, decidi me aprofundar sobre o narrador, sem nome, e sobre a também personagem, sua dupla personalidade, Tyler Durden. Este trabalho analisa o que *Clube da Luta* representa para a sociedade com sua crítica social, também visando as fortes críticas do autor sobre o consumismo e a humanidade e seu estado materialista, utilizando de métodos descritivos, comparativos e hipotético-dedutivos da ficção literária com a realidade através da análise crítica do enredo nas entrelinhas. Não podendo deixar de falar sobre a atribuição de Tyler enquanto herói, o Transtorno Dissociativo de Identidade, assim como a importância da personagem coadjuvante Marla Singer no desenrolar dos fatos ocorridos tanto no geral da narrativa como na vida pessoal do Narrador, dividido em quatro capítulos além da introdução mais as considerações finais, capítulos estes intitulados: “Apresentando *Clube da Luta*”, “O

⁸RIBEIRO, Paulo Jorge: A era da frustração: melancolia, contra utopia e violência em *Clube da Luta* (2002) <http://ref.scielo.org/smq266>;

transtorno dissociativo de identidade”, “Tyler Durden” e “O Narrador – Anônimo”. Foi utilizado como base teórica os estudos de Ligia Chiappini (1985), Betty Brait (1985), Choi-Kan (2016), Han (2015), La Boétie (1549), assim com Barthes (2008) e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM – 5). Como já deve ter ficado explícito: irei quebrar a primeira regra. E a segunda também.

2. APRESENTANDO *CLUBE DA LUTA*

*“Talvez o autoaperfeiçoamento não seja a resposta,
talvez a autodestruição seja a resposta.”*

(PALAHNIUK, p.51)

Um resenhista disse que o livro era de ficção científica. Outro disse que era uma sátira ao Movimento Iron Jon (um conto dos Irmãos Grimm virou base de análise dos homens). Outro disse que era uma sátira da cultura do colarinho-branco. Uns disseram que era de terror. Ninguém disse que era um romance (PALAHNIUK, 1996, p.218).

De acordo com Ligia Chiappini (1985), é definido como romance a narrativa que se ajusta com o novo espírito literário, motivado pelo desgaste das estruturas socioculturais da época. O romance tem o objetivo de refletir à imagem da sociedade, sendo assim, o autor pode usar como inspiração sua visão desta, e assim criar o seu enredo. Para tanto, procurava abranger tudo quanto era forma e recurso de expressão literária, quebrando, assim, as regras e modelos. Nele, as ações ocorrem em conjunto e as personagens podem surgir no decorrer da trama. Características como essa fazem com que esse estilo passe a ser mais abundante de recursos que um conto ou uma crônica, por exemplo. Além disso, o romance, como categoria literária, possui características que se aproximam bastante da realidade.

Clube da Luta começa pelo fim, o recurso literário conhecido como epílogo, mesmo que no livro seja apresentado simplesmente como o capítulo de número um, considerando que o autor quis que o primeiro capítulo fosse como se o narrador estivesse vivenciando lembranças de um momento crucial de sua vida e então decidiu contar a sua história para o mundo. Como uma das características da escrita de Palahniuk, ele faz uso deste recurso para estimular o leitor a seguir a leitura porque aquele acontecimento que está dando partida na história continua no final, e seria agradável saber de tudo o que aconteceu até a história chegar àquele ponto. Não é um momento em que o leitor vai saber como o livro termina, terá apenas uma ideia, tendo em vista também o fato de que o momento narrado no primeiro capítulo na memória do narrador está narrado de forma diferente em seu momento oficial do enredo (capítulo 29).

Clube da Luta é narrado em 1ª pessoa por sua personagem principal, que não possui um nome, portanto, chamado apenas de Narrador. O narrador, na obra

literária, é um ser ficcional criado pelo autor para contar a história e dirige-se a um leitor –, no recurso literário conhecido como “narrador protagonista”, que é quando este também é o personagem central, sendo assim o centro nervoso do enredo que sustenta o eixo narrativo.⁹ (CHIAPPINI, 1985) “Vemos tudo através da perspectiva da personagem, que, arcando com a tarefa de ‘conhecer-se’ e expressar esse conhecimento, conduz os traços e os atributos que a presentificam e presentificam as demais personagens.” (BRAIT, 1985).

O nome do narrador da história não é revelado em momento algum, mas sabe-se que ele é um homem de trinta anos (p.52) que trabalha como coordenador de campanhas de recall (p.50) que, no primeiro momento do livro, está vivenciando uma situação complicada no alto do edifício Parker-Morris – que é chamado de “o edifício mais alto do mundo” (p.15) pelas personagens. O narrador menciona não só a presença de Tyler Durden, o seu duplo, mas também fala do plano de ambos de destruir o Museu Nacional e como tudo aquilo que estava acontecendo em sua vida era culpa de Marla Singer (que, mais adiante, será apresentada neste trabalho).

O Narrador encontra-se com uma arma na boca, acompanhado de Tyler, quem ele acaba de descobrir que não era, nem de perto, a pessoa que pensou que fosse nos últimos meses. Durden recebe o papel de antagonista – protagoniza a própria história e antagoniza a do narrador, visto que são a mesma pessoa –, personagem que traz e representa uma ameaça, obstáculo, dificuldade ou impedimento ao que o protagonista deseja conquistar, mas ele não é o único do enredo.

O antagonista de uma narrativa não precisa ser necessariamente uma pessoa inimiga do protagonista, pode ser um objeto, um animal, uma instituição, uma limitação de ordem física, psicológica, social ou cultural. Ou seja: antagoniza, nesse caso, não apenas Durden, como também o Transtorno Dissociativo de Identidade, que coincidentemente acabam por ser um: “Isto é um sonho. Tyler é uma projeção. Ele é um transtorno dissociativo de identidade. Um estado de fuga psicogênica. Tyler Durden é minha alucinação.” (PALAHNIUK, 1996, p.168).

Em seguida, para começar o capítulo de número dois, percebe-se que houve não só uma mudança de espaço, mas também de tempo. Observa-se que esta é,

⁹ CHIAPPINI, Ligia: O foco narrativo. Editora Ática, São Paulo. 1985; Acesso 31/10/19.

também, uma característica da escrita de Palahniuk, usada prender o leitor com leitura rápida e despretensiosa. O capítulo um termina da seguinte forma:

Empurro o cano da arma para o lado na boca e digo, você quer ser uma lenda, Tyler, então cara, farei de você uma lenda. Estive aqui desde o princípio.
Lembro-me de tudo.
Três minutos. (PALAHNIUK, 1996, p. 16)

Logo em seguida, começando o capítulo dois:

Os braços enormes de Bob estão em volta de mim e me segurando forte. Estou sendo apertado no escuro entre as novas tetas suadas dele, que são enormes, tão grandes quanto imaginamos que Deus seja. (PALAHNIUK, 1996, p. 19)

O que acontece em um capítulo é um evento único. O próximo pode retratar uma cena seguinte, mas poderão ter se passado horas ou até dias, jamais sendo uma cena como se fosse o próximo ato imediato, e isso consegue prender a atenção do leitor. Nesse primeiro momento da leitura é onde também percebemos que o livro contará com uma mistura do tempo cronológico com o psicológico, no caso, o tempo determinado pela sucessão cronológica dos acontecimentos e também, com um tempo subjetivo, vivido ou sentido pela personagem, que flui em consonância com o seu estado de espírito (CHIAPPINI, 1985).

A definição de um enredo psicológico é que os fatos nem sempre são evidentes, porque não equivalem a ações concretas da personagem, mas os movimentos interiores. Um exemplo de enredo psicológico é o romance do escritor francês Henri-Marie Beyle (1783-1842), reconhecido pelo pseudônimo Stendhal, publicado em 1830, “O Vermelho e o Negro” (*Le Rouge et le Noir*, em seu título original). Seriam fatos emocionais que comporiam o enredo psicológico, se estruturando como o enredo de ação, isto equivale a dizer que tem um conflito, apresenta partes e verossimilhança. Ou seja, resumidamente, de acordo com Silva:

O enredo não linear não segue uma sequência cronológica, desenvolve-se descontinuamente, com saltos, antecipações, retrospectivas, cortes e com rupturas do tempo e do espaço em que se desenvolvem as ações. O tempo cronológico mistura-se ao psicológico, da duração das vivências dos personagens. O espaço exterior se mistura aos espaços interiores (memória e imaginação dos personagens). (SILVA, 2019)

O narrador é representado como um sujeito triste, deprimido, sem esperanças, cheio de ódio e frustração e que sofre com uma insônia severa, podendo perfeitamente ser uma representação do homem real, já que boa parte da

sociedade contemporânea sofre com as consequências de exigências impostas por outra parte da sociedade, resultando na geração mais propícia à depressão. Ele já não lembra quando foi a última vez que dormiu e seu médico se recusa a lhe receitar medicamentos, em vez disso, ele o aconselha a frequentar grupos de apoio à pacientes com doenças terminais, e ele o faz. De acordo com isso, pode-se relacionar a situação do Narrador com a apresentação do filósofo sul-coreano Byong-Chul Han sobre a noção de “sujeito do desempenho” em seu livro “*Sociedade do Cansaço*”:

O sujeito do desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo. O depressivo é o inválido dessa guerra internalizada. A depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade. Reflete aquela humanidade que está em guerra consigo mesma. [...] O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos”. (HAN, 2015, p.17)

O narrador se vicia nesses grupos, a maioria dedicada exclusivamente ao público masculino, frequentando todo dia um diferente. Depois de aprender a meditar – e acabar descobrindo que seu espírito animal é um Pinguim, remetendo ao fato de que esta ave representa a convivência em comunidade e adaptação ao novo, simbolizando o aumento da sociabilização para ser feliz com um companheiro sempre priorizando a fidelidade e lealdade¹⁰ – e chorar muito com a cabeça nos peitos do Grande Bob, – o homem que o acolheu desde o primeiro dia que ele começou a frequentar o *Homens Remanescentes Unidos*, grupo de apoio ao câncer de testículo, e se eternizou como seu companheiro de lágrimas – ele consegue voltar a dormir. Este cenário remete ao materno: o conforto do seio de uma mãe que faz qualquer bebê adormecer rápida e pacificamente.

O sujeito potencialmente melancólico pode ter sido desqualificado narcisicamente, representa-se como sendo desprovido de atributos desejáveis pelos outros, a começar pela mãe. Dessa maneira, ele supõe ser a causa de seu sofrimento, a causa de haver perdido o amor materno, assim como de perder tudo o que possui de bom, isto é, de tudo aquilo que seja capaz de lhe fornecer referenciais identificatórios possíveis de serem por ele investidos. (VIOLANTE, 1995, p.35)

¹⁰ Quebrando a primeira regra do Clube da Luta (1999), 2018. 1 vídeo (21 min. 47seg.). Publicado pelo canal Elegante. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eO43sbpLlbs>; Acesso em 13/10/19.

Em dado ponto da narrativa ele conhece Marla Singer – personagem secundária mas que possui importância no desenvolvimento da história e pessoal do narrador –, uma mulher que não possui doenças terminais, mas ainda assim também frequenta os mesmos grupos de apoio. Isso o incomoda e ele começa a novamente não conseguir dormir. Acompanhado da insônia retornada, o desespero se faz presente e ele culpa Marla por todos os acontecimentos seguintes de sua vida. Pode-se observar, assim, a questão da virilidade, a masculinidade frágil do Narrador, que o faz se ver ameaçado por uma mulher que nada fez contra ele.

Clube da Luta é um livro que conta com ações e novos personagens contínuos que não param de aparecer durante a narrativa, que no caso são o protagonista, antagonista, coadjuvante, e inúmeros figurantes que podem ser reconhecidos como os chefes de Tyler e do Narrador, os pacientes que frequentam os grupos de apoio, e também os macacos espaciais – como são chamados os integrantes do clube da luta e do Projeto Desordem e Destruição. Um motivo para serem chamados assim é mais uma das maneiras que Palahniuk “achou de criticar o famoso ‘sonho americano’ de trabalho-consumo, consumo-trabalho, comparando esse estilo de vida ao ‘trabalho’ desempenhado por macacos enviados ao espaço”. (CUNHA, 2014):

“As coisas são bem silenciosas a uma altura dessas, e a sensação que se tem é de que você é um daqueles macacos enviados do espaço. Você faz as pequenas coisas que foi treinado a fazer. Puxe a alavanca, aperte o botão. Você não entende nada, e depois, simplesmente morre”. (PALAHNIUK, 1996, p.13)

O macaco espacial também pode ser visto como uma representação do homem real convivendo em sociedade, vítima das ideologias, buscando fugir de uma alienação, mas ainda assim se entregando, imperceptivelmente, a outra. Em seu livro intitulado *Sociologia da educação* (2000), Alberto Tosi Rodrigues estuda as formas de consciência em Marx e afirma:

O trabalhador foi separado, pelo capitalismo, do controle autônomo que exercia sobre seu trabalho e também do fruto deste trabalho. O trabalho é então percebido pelo trabalhador como algo fora de si, que pertence a outros. A isso, Marx dá o nome de alienação. Por causa do trabalho alienado a que estão submetidos, os homens adquirem uma consciência falsa do mundo em que vivem, veem o trabalho alienado e a dominação de uma classe social sobre outra como fatos naturais e passam, portanto, a compartilhar uma concepção de mundo dentro da qual só têm acesso às aparências, sem ser capazes de compreender o processo histórico real. A isso Marx dá o nome de ideologia. A ideologia, portanto, é aquele sistema ordenado de ideias, de concepções, de normas e de regras que obriga os

homens a comportarem-se segundo a vontade “do sistema”, mas como se estivessem se comportando segundo sua própria vontade. (RODRIGUES, 2000)

Dessa forma, compreende-se o macaco espacial como representação de todos aqueles que querem fugir do sistema por não concordarem com ele, mas acabam por depender de outro, nunca conseguindo assim ser, de fato, livre. Por conseguinte, vale ainda mencionar:

Ele (Marx) mostra que o caráter coercitivo, dominador, não se manifesta igualmente, mas sim de uma parte da sociedade sobre outra, ou melhor, de uma classe social que assume o papel dominante sobre as outras, que se tornam dominadas. (RODRIGUES, 2000)

O capítulo três é inteiramente dedicado a discorrer sobre Tyler, nos dando informações importantes de como ele é uma pessoa noturna com vários empregos, que gosta de artimanhas, e sobre sua inteligência. Foi muito pouco depois de conhecer Marla que o narrador conheceu Tyler Durden. Ele acorda, de repente, em uma praia de nudismo e se depara com a única outra pessoa presente, Tyler, que está nu, suado, coberto de areia e com os cabelos molhados caindo no rosto (p.33). E então, depois de uma viagem de negócios, o narrador chega ao prédio em que morava e descobre que seu apartamento explodiu. Tinha chegado ao fim toda sua mobília composta de coisas desnecessárias que ele achava tão interessante comprar pelo catálogo da IKEA¹¹. *Clube da Luta* é uma crítica para a sociedade capitalista, escravo do consumo desenfreado, vítima da propaganda. É possível perceber como o autor faz uma crítica à sociedade de uma forma bem irônica e sucinta, utilizando a desgraça acometida ao narrador, que acabou de perder tudo que tinha devido a uma explosão em seu apartamento, nesse trecho do enredo:

(...) e algo que era uma bomba, provavelmente uma grande bomba, tinha explodido minhas belas mesinhas de centro Njurunda, que tinham formato de yin verde limão e yang laranja, e que se encaixam em um círculo. Bom, agora elas eram estilhaços. Meus sofás Haparanda, com capas cor de laranja e design de Erika Pakkari, tinham virado lixo. E eu não era o único escravo do instinto de transformar o lar em um ninho. As pessoas que conheço que costumavam ir ao banheiro e levar pornografia agora se sentam na privada com seus catálogos de moveis da IKEA. Todos nós temos a mesma poltrona Johanneshow com o mesmo padrão Strinne de listras verdes. A minha caiu quinze andares, em chamas, dentro de uma fonte. Todos nós temos luminárias Rislampa/Har de arame e papel reciclado não desbotável. As minhas são com padrão confete. Compramos tudo isso sentados na privada. (PALAHNIUK, 1996, p.43)

¹¹ Famosa rede de loja de móveis com produção em série e preços populares.

Pode-se então, observar que o autor pode ter intencionado mostrar para o leitor como o consumismo é algo vazio e temporário. O narrador faz questão de detalhar sua mesa, sua luminária, sua poltrona, porque são eles que vão diferenciar os mesmos móveis que outras pessoas têm, e são tão insignificantes na vida de uma pessoa, que são adquiridos enquanto estão fazendo suas necessidades fisiológicas, como um passatempo.

As ideias, as concepções sobre como funciona o mundo são representações que os homens fazem a respeito de suas vidas, de modo como as relações aparecem na sua experiência cotidiana. Essas representações são, portanto, aparência. Para Marx, essas representações implicam, num primeiro momento, numa falsa consciência, numa consciência invertida, pois se prendem à aparência e não são capazes de captar a essência das relações às quais os homens estão de fato submetidos. (RODRIGUES, 2000)

Algumas pessoas compram coisas não por que precisam, mas porque viram uma propaganda enquanto estavam entediadas e pensaram que seria bom ter aquilo em sua casa para mostrar para terceiras pessoas a classe estatística à qual pertencem, porque querem causar uma boa impressão, visto que todos sempre vão ver primeiro aquilo que você possui em vez de quem você é. E, então, de repente, tudo pode acabar, tudo que você possui pode virar poeira enquanto você continua existindo.

Literalmente trajando apenas a roupa do corpo – após ter a mala que ele sempre carregava retida no aeroporto por causa de um barbeador que vibrava e pareceu suspeito à equipe de segurança (p.41-45) – o narrador liga para Tyler, que acabou de conhecer, e eles encontram-se em um bar, conversam sobre a vida, tomam algumas cervejas, vão para fora do bar e para receber o narrador em sua casa, tudo que Durden pede em troca é que ele o soque o mais forte que conseguir (p.46). Após trocarem socos despretensiosamente, ambos percebem que gostam do que aconteceu e do que sentiram, e acabam tornando isso um hábito, que rapidamente foi estabelecido com regras e lugar para acontecer.

A primeira regra do clube da luta é que você não fala sobre o clube da luta. A segunda regra do clube da luta é que você não fala sobre o clube da luta. A terceira regra é quando alguém diz “pare” ou fica desacordado, mesmo que esteja fingindo, a luta acaba. A quarta regra é que apenas duas pessoas lutam. A quinta regra diz que apenas uma luta pode acontecer por vez. A sexta regra, se luta sem camisa e sem

sapatos, e as lutas duram o quanto tiverem que durar. A sétima e última regra, se for sua primeira noite no clube da luta, você tem que lutar. (PALAHNIUK, 1996).

Em entrevista em seu painel na Comic Con¹² de San Diego em 2014, Palahniuk explicou o motivo das sete regras:

Estou sempre procurando uma nova maneira de estruturar informação. De preferência estruturas não ficcionais, então queria usar regras como um tipo de marco, para que eu pudesse pular temporalmente pelo conto¹³, mas voltar sempre para um refrão, como em uma canção. Logo, pensei em arbitrariamente criar sete regras para um lugar onde se pode consensualmente entrar em uma briga. Isso me deu a habilidade de cortar, como numa montagem cinematográfica, de um ponto para outro sem desorientar o leitor. Foi um exercício arbitrário que eu fiz em uma tarde parada no trabalho, e assim criei um conto, que virou o sexto capítulo do livro. (PALAHNIUK, p.455/456)

Como visto, para o autor, a criação das regras corrobora uma compreensão temporal da história. Todavia, pode-se inferir um sentido maior nestas que implica questões de obediência e respeito para um aceitável convívio em comunidade. Os participantes inconscientemente integram as regras do clube às suas vidas pessoais: a importância de manter segredo, a perspectiva de que limites devem ser respeitados, e a ideia de que uma oportunidade não deve ser desperdiçada. Há também o aspecto do controle e como as pessoas sempre estão sucintas a seguir o comando de outra que demonstra mais confiança: estamos sempre mais propícios a seguir regras do que a criá-las.

Seguindo para o próximo capítulo, sabemos que já se passou um mês desde o primeiro soco (p.50) e eles dois têm ambientes escondidos nos porões dos bares que frequentam, onde toda madrugada de sábado para domingo eles se encontram com outros homens que não têm mais prazer nas coisas da vida, e se esmurram até perderem os sentidos. Talvez *encontrarem* seria um vocábulo mais cabível, pois, de acordo com o próprio narrador:

Depois de uma noite no clube da luta, tudo que existe no mundo real passa a ter menos importância. Nada pode deixá-lo puto. Sua palavra é lei, e, mesmo que outras pessoas quebrem aquela lei ou duvidem dela, ainda assim você não ficará puto. (PALAHNIUK, 1996, p.50).

¹² Comic Con é um evento focado na cultura pop onde artistas e fãs vão para usufruir de filmes, séries de tv, histórias em quadrinho e video-games.

¹³ O canto de sete páginas anteriormente mencionado, originando o livro.

Em momento algum é citado o ano em que a história se passa, tampouco a duração dela. Sabe-se que ocorre nos Estados Unidos, sem especificação de cidade ou estado porque o narrador está sempre viajando a trabalho. Não somente, Tyler aproveita quando o narrador acredita estar dormindo, momentos em que ele assume seu corpo, para também fazer inúmeras viagens. Dessa forma, pode-se conectar tal cenário com a teoria de alienação de Marx, quando ele afirma que esta é um processo de exteriorização de uma essência humana e do não-reconhecimento desta atividade enquanto tal¹⁴, que é o que pode ser observado da relação de Tyler com o Narrador: o tipo de alienação mais visceral é aquela que o alienado não está ciente da alienação, como o Narrador não faz ideia que é controlado por Tyler e como esse controle implica diretamente em suas ações.

O clube da luta vai crescendo cada vez mais, indo de bar em bar, chegando a lotar um porão por madrugada, o que significa que seus integrantes estão obviamente quebrando as duas primeiras regras, ou seja, estão espalhando a palavra de que existe um lugar onde eles podem escapar da sua triste realidade e se sentirem livres, se sentirem completos; sendo assim, mais e mais homens querem participar, querem sentir a sensação libertadora que é ganhar novas cicatrizes em um clube da luta, onde podem descontar toda a raiva que sentem do mundo, das pessoas, de si próprios. Eles podem ter o seu grande escape do mundo real, que eles tanto odeiam.

Você não se sente tão vivo em nenhum outro lugar do jeito que se sente no clube da luta. Quando é você e outro cara sob aquela única luz no meio e todos os outros estão assistindo. O clube da luta não tem a ver com ganhar ou perder as lutas. E não tem a ver com palavras. Você vê um cara vir aqui pela primeira vez e a bunda dele parece uma massa de pão branco. Quando o vê aqui seis meses depois, ele parece esculpido em madeira maciça. Esse cara acredita que pode lidar com qualquer coisa. Aqui há barulhos e grunhidos igual acontece na academia, mas o clube da luta não tem a ver com ficar bonito. Há gritos histéricos em línguas diferentes igual em uma igreja, e quando acorda no domingo à tarde você se sente salvo. (PALAHNIUK, 1996, p.52)

O clube proporciona a esses homens algo que muito desejam: a liberdade de ser quem são, longe dos padrões impostos pela sociedade. E é por isso que Tyler não vê desvantagem no fato de estarem quebrando as duas primeiras regras. Na verdade, ele vê uma forma de aumentar seus ganhos e acaba criando o Projeto

¹⁴ Disponível em: <https://colunastortas.com.br/o-que-e-alienacao-em-marx/>; Acesso em 15/11/19.

Desordem e Destruição, - também pelo fato de que o narrador não estava mais se sentindo tão satisfeito com o clube:

Eu disse que me sentia um lixo e nem um pouco relaxado. Aquilo não tinha me dado nenhum barato. Talvez eu tivesse desenvolvido certa tolerância. Era possível ter tolerância a lutas e talvez eu precisasse partir para algo maior. Foi naquela manhã que Tyler inventou o Projeto Desordem e Destruição. (PALAHNIUK, 1996, p.123)

Nas palavras da personagem:

É o Projeto Desordem e Destruição que salvará o mundo. Uma era do gelo cultural. Uma idade das trevas induzida prematuramente. O Projeto Desordem e Destruição forçará a humanidade a ficar em hibernação ou em remissão por tempo suficiente para que a Terra se recupere.
 – Você justifica a anarquia – Tyler diz. – Você a compreende.
 Do mesmo jeito que o clube da luta faz com escriturários e bilheteiros, o Projeto Desordem e Destruição quebrará a civilização para que possamos fazer do mundo um lugar melhor. [...] Este era o objetivo do Projeto Desordem e Destruição, Tyler explicou, a destruição completa e imediata da civilização. (PALAHNIUK, 1996, p.124)

Dessa forma, entende-se que o plano principal de Tyler é dizimar a população mundial para só assim salvar o mundo de sua condenação (p.124). Porém, assim como o clube da luta, o Projeto também tem sua enorme importância para aqueles que o frequentam, e é visto como uma seita, onde Tyler é o seu Deus. No Projeto, os homens se juntam para obedecer às ordens de Tyler, chamadas de “atividade de casa”, e arriscar suas vidas desobedecendo a lei e fazendo tudo aquilo que vai chamar atenção da sociedade de forma negativa – a não ser que se concorde com as atitudes deles. No clube da luta, eles lutam apenas entre si; no Projeto, eles destroem edifícios, monumentos, atacam funcionários de alto escalão, seguem os passos de Tyler de contaminar as comidas nos restaurantes no seu próprio modo de falar “eu estou aqui, você vendo ou não”, e arriscam suas vidas constantemente com atos anárquicos, às vezes até sendo fatal como acontece com o macaco espacial, Robert Paulson, o Grande Bob do grupo de câncer testicular:

Quando Tyler inventou o Projeto Desordem e Destruição, ele disse que a meta não tinha nada a ver com outras pessoas. Tyler não se importava se outras pessoas se ferissem ou não. A meta era ensinar cada homem no projeto que ele tinha poder para controlar a história. Nós, cada um de nós, pode controlar o mundo. (PALAHNIUK, 1996, p.122)

Uma das regras do Projeto Desordem e Destruição é não fazer perguntas e confiar em Tyler, como uma religião. Para os macacos, Tyler é perfeito, com as maiores e mais radicais filosofias de vida, que os fez acreditar no próprio potencial e

se enxergar de forma diferente, e crer que eles poderiam usar sua desesperança e ódio para algo grandioso. “Você é a merda do mundo” (p.171), mas é a merda que vai fazer toda a diferença, que vai ajudar a destruir tudo aquilo que odeia no planeta, nas pessoas, e para esses homens, isso era tudo que importava em suas vidas naquele momento.

Em contrapartida, Tyler e o narrador fazem sabão com gordura roubada por eles próprios dos depósitos de lixos dos hospitais da cidade, também outra crítica do autor sobre como a sociedade atual está tão viciada nos padrões de beleza e vivem fazendo procedimentos estéticos para tirar sua gordura a mais, apagar as marcas de idade no rosto, e acabam recebendo de volta nos sabonetes que usam. É uma forma sucinta de dizer “tudo que vai, volta”. Você pagou para retirar sua gordura e está comprando-a de volta.

Durden também trabalha no cinema cuidando da projeção de filmes, onde ele tem o poder de exhibir para um grupo de pessoas tudo o que ele quiser, e neste caso ele insere curtos quadros de pornografia em filmes direcionados ao público familiar (p.113), uma forma de demonstrar que também está no poder. Trabalha em restaurante junto com o narrador onde urina nas sopas dos clientes ricos (p.81), como uma forma de protesto. Apenas observando sua urina ser bebida por magnatas já o faz ter um prazer absurdo, é uma forma de se vingar das pessoas que acham que são muito melhores que as outras porque têm mais dinheiro. Ademais, entende-se que esta seja a forma que ele opta por mostrar que não importa quem você seja, o quão grande você ache que é, todos nós sempre estamos vulneráveis, e não importa também a certeza e confiança que temos em algo, podemos estar errados.

Tyler tem relações sexuais com Marla para salvá-la de uma tentativa de suicídio, coincidentemente na mesma noite em que o narrador sonha que estava também tendo relações sexuais com ela. Marla começa a frequentar a casa deles na *Paper Street* e o narrador se incomoda com o fato de Tyler e Marla nunca estarem no mesmo cômodo mesmo depois de passarem a noite juntos e com o modo como ela o trata carinhosa e intimamente mesmo depois de ter ficado com o seu amigo (capítulo 7). Pouco depois de Marla começar a frequentar a casa, Tyler fez o narrador prometer que nunca falaria sobre ele para ninguém, principalmente para ela, senão ele nunca mais o veria, firmando a promessa com muita dor e sangue

deixando-o com uma marca de queimadura de soda cáustica no formato de beijo em sua mão. (p.77)

Depois que o clube da luta começou, o narrador diminuiu a frequência que ia para os grupos de apoio de doenças terminais devido ao fato que a partir do momento em que começou a lutar, ele começou a achar outros sentidos na vida (p.50), uma válvula de escape onde ele podia enfrentar situações desgastantes demais ao ponto de o fazer ficar tão exausto física e mentalmente que o ajudava a conseguir dormir à noite. Até que um dia ele vê a notícia de uma carinha sorridente gigante em chamas em um dos prédios mais famosos de Nova Iorque e se questiona se aquilo foi alguma atividade do Projeto Desordem e Destruição (p.119), então começa a se preocupar com o quão longe Tyler está indo para provar seus ideais e decide falar com ele, mas não o encontra em lugar algum.

É a partir daí que tudo começa a desandar para o narrador. Ele acha passagens de avião no nome de Tyler e assim descobre que o mesmo estava criando franquias do clube da luta por todo país. O narrador entra em um bar em Seattle e é chamado de Senhor – *Sir* em sua versão original, inglês – pelo atendente que está usando um colar cervical, sendo também questionado se aquilo tudo que ele estava fazendo era um teste ao perguntar se sabiam o paradeiro de Durden (p.158). Tyler é chamado de Senhor, respeitado, amado e temido. Vale ressaltar que são inúmeros seguidores espalhados por todo o país e em todos os locais, ele recebe este mesmo tratamento – e é tido como um Deus, mesmo que não percebam isso.

O próprio autor da obra retrata o clube da luta e o Projeto Desordem e Destruição como um culto¹⁵. Nesse momento, observa-se que o narrador não está esperando ser bem tratado por pessoas que nunca viu na vida, em um lugar que nunca esteve. Tal atitude ultrapassa mera educação, mas enfatiza o fato de ter sido chamado de senhor pelo desconhecido, e não somente, é chamado também de “Senhor Durden” (p.159). Nesse momento, pode-se observar como os seguidores de Tyler seguem precisamente as regras impostas por ele, mais uma vez enfatizando a questão de que levam as regras para seu âmbito pessoal e que são obedientes a um líder, mesmo quando querem ser contra tudo. Não satisfeito com o turbilhão de

¹⁵ Disponível em: <https://www.latimes.com/archives/la-xpm-1999-sep-12-ca-9490-story.html>; Acesso em 16/11/19.

pensamentos que inunda sua cabeça naquele momento, ao chegar no hotel ele liga para Marla e pergunta se já fizeram sexo, ela logo se estressa e diz que sim, e ele pergunta qual é o nome dele, e ela, ainda irritada, o chama de Tyler (p.160). Extremamente perturbado com toda a informação que acabou de receber e sem entender nada do que está acontecendo em sua vida, ele cai na cama e desmaia. Dorme. E finalmente encontra a pessoa que ele tanto estava procurando (p163).

Eles se enfrentam em uma discussão na qual Tyler garante para ele que aquilo não passa de um sonho pois é sempre nesse momento que ele ganha vida. Nesse ponto, compreendemos Tyler ser uma pessoa noturna. “Se eu podia acordar em um lugar diferente em uma hora diferente, será que podia acordar como uma pessoa diferente?” (PALAHNIUK, 1996, p.33):

Tudo que Tyler sabe está voltando e surgindo na minha cabeça. De repente eu sei como operar um projetor de cinema. Sei como arrebentar fechaduras e como Tyler alugou a casa na Paper Street um pouco antes de se revelar a mim na praia. Sei por que Tyler surgiu. Tyler amava Marla. Desde a primeira noite que eu a conheci, Tyler ou uma parte de mim precisava encontrar um jeito de ficar com ela. Isso não quer dizer que algo importe. Mas todos os detalhes estão voltando a mim enquanto caminho pela noite até o clube da luta mais próximo. (PALAHNIUK, 1996, p.201).

Neste momento de confronto entre os dois, o narrador repara: “Isto é um sonho. Tyler é uma projeção. Ele é um transtorno dissociativo de identidade. Um estado de fuga psicogênica. Tyler Durden é minha alucinação.” (PALAHNIUK, 1996, p.168) E é aí que ele tem a epifania de que estava destruindo a própria vida – não só a dele como a de todos à sua volta, e conseqüentemente aqueles que seriam atingidos pelos planos do Projeto Desordem e Destruição – e, de repente, ele começa a se preocupar com todos os planos de que ele já sabia e já tinha aceitado de Tyler: “Tyler é outra vida que criei e agora ele está ameaçando tomar minha vida real” (PALAHNIUK, 1996, p.174) O narrador percebe que não concorda com nada daquilo, que está tudo equivocado e quer pôr um fim antes que o fim chegue literalmente: “Por baixo, por trás e por dentro de tudo o que eu dava como certo tem algo horrível sendo cultivado...” (PALAHNIUK, 1996, p205). Ou seja, ele tinha certeza de tudo que ele era, por mais que detestasse, e descobre algo muito ruim dentro de si mesmo.

Eles estão no andar 191¹⁶, o último do maior prédio do mundo, que vai explodir e inclinar até cair sobre o Museu Nacional, o real alvo de Tyler. Vale apontar para a escolha de estarem no último andar do maior prédio do mundo como uma questão de impor poder, uma maneira que Durden achou de provar sua masculinidade, virilidade, estando no “topo do mundo” pronto para destruir tudo, portanto reforçando também a ideia de que os macacos espaciais têm Tyler como um Deus sem ao menos perceberem. O mecânico do Projeto Desordem e Destruição, logo depois de ser questionado pelo narrador sobre onde está Tyler, discursa: “- O que você precisa entender é que seu pai foi o seu modelo de Deus”. A virilidade reprimida pode ter conexão direta com problemas paternos, e o próprio Palahniuk, em um artigo sobre o livro, ironiza a situação: “Todo cara que eu conheço sente-se decepcionado com o pai. Até meu pai se sente decepcionado com seu próprio pai. Meu pai pensou que a história era sobre seu pai ausente...”; (PALAHNIUK, 1999)¹⁷. De acordo com Charlie Lewis e Maria Auxiliadora Dessen em seu artigo intitulado “*O Pai no Contexto Familiar*”:

Uma segunda linha de teoria sugere que os envolvimento paterno e materno em um nível comportamental e, talvez, também em termos de compromisso, podem ser o reflexo da personalidade do indivíduo. (LEWIS & DESSEN, 1999)

A ausência paterna acabou por desenvolver adultos que precisam de um líder em quem refletir suas ações e para quem justificá-las, e eles acabam por encontrar isso em Tyler, mesmo que não fique explícito para os participantes do clube. É nesse último momento da narrativa que se pode perceber que, apesar de Tyler saber que é um homem poderoso, ele precisa continuar provando isso, consequência da sua virilidade reprimida, pois mesmo que ele se veja como o homem mais corajoso de todos, continua no mesmo corpo do homem mais covarde

¹⁶ Para os supersticiosos, esse número pode envolver catástrofes. Nos Estados Unidos, desde 1960, cinco aviões de número 191 pararam de funcionar. Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/supersticoes/69486-acredita-em-supersticao-entao-veja-estes-numeros-do-azar.htm>; Acesso em 23/10/19;

Para os religiosos, é um número angelical, que remete a uma vibração humanitária onde seus anjos pedem que você olhe para como você pode estar a serviço da humanidade, servindo ao seu propósito de vida divina. Disponível em: <https://sacredscribesbrasil.blogspot.com/2018/10/anjo-numero-191.html>; Acesso em 23/10/19

¹⁷ Texto original: “*Every guy I know feels let down by his father. Even my father feels let down by his father. [...] My father thought the story was about his absent father...*”; Disponível em: <https://www.latimes.com/archives/la-xpm-1999-sep-12-ca-9490-story.html>; Acesso em 16/11/19.

de todos. Após tudo isso, quando o narrador descobre que ele e Durden são um só, ele quer apenas acabar com os planos de destruição da outra personalidade e consertar os erros que cometeu, deixando de lado toda a idolatria e considerando apenas o bom senso.

Na nota de abertura do livro, onde Palahniuk fala sobre “as coisas que não deram errado”, ele compara sua obra a uma música punk e sua fórmula: começa pesado, tem um pique curto e termina de repente:

Toda música punk terminava antes de você se cansar, e todo mundo prestava atenção porque a pessoa tinha poucos segundos para chegar na pista. Enquanto (Billy) Idol explicava essa marca maior do punk, percebi que muitos dos meus contos e capítulos de livros parecem as músicas dele. (PALAHNIUK, 1996, p.08)

E assim vem o último capítulo apresentando a filosofia de vida do narrador. Ele puxa o gatilho tendo a certeza que matou Tyler, escuta os helicópteros da polícia se aproximando, escuta Marla e as pessoas que conheceu nos grupos de apoio a doenças terminais tentando salvá-lo e até conversa com Deus:

“Olho para Deus atrás da mesa tomando notas em um bloquinho. Deus entendeu tudo errado. Nós não somos especiais. Também não somos um lixo ou uma merda. Apenas somos. Apenas existimos e o que acontecer aconteceu. E Deus diz: - Não, as coisas não são assim. São. Bom, tanto faz. Não se pode ensinar nada a Deus” (PALAHNIUK, 1996, p.210)

Logo em seguida, ainda na mesma página, ele narra que Deus pergunta do que ele se lembra, e ele responde “Lembro de tudo”. Deus, neste caso, poderia ser entendido como um médico em um hospital psiquiátrico, e o narrador está sofrendo alucinações consequentes do tiro. Apesar de não ser mencionado nenhum hospital psiquiátrico no desfecho do livro, também não é explícita a morte do narrador, podendo assim deixar a situação final dele à imaginação de cada leitor.

Portanto, ele agora se lembra de todos os passos e atitudes tomados por Tyler, mas agora em sua própria perspectiva, lembra do que fez e do que pretendia fazer. Ele lembra de como todos amam Tyler Durden, mas não ele em si. Assim o livro termina, de repente, do jeito que Chuck Palahniuk gosta, no mesmo estilo de uma música punk: abruptamente.

3. O TRANSTORNO DISSOCIATIVO DE IDENTIDADE

“Se eu podia acordar em um lugar diferente, em uma hora diferente, será que podia acordar como uma pessoa diferente?”

(PALAHNIUK, 1996, p.33)

Tyler Durden e o narrador compartilham do mesmo corpo. Um é a personalidade dominante, no caso o Narrador, aquela que nasceu no corpo, (“Eu estava aqui primeiro.” {PALAHNIUK, 1996, p.168}) e a outra, Tyler, é a personalidade que surgiu depois de um trauma que desencadeou uma dissociação. Esta condição patológica é chamada de Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI). Sabe-se, de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM – 5)¹⁸, que o TDI é caracterizado pela presença de dois ou mais estados distintos de personalidade além de episódios recorrentes de amnésia. Os transtornos dissociativos são encontrados com frequência como consequência de traumas e estressores. Podemos considerar o caso do narrador como o fator desencadeador ter sido o excesso de estresse causado pela insônia e depressão, estes também sendo diagnósticos do TDI. Os critérios diagnósticos para o TDI de acordo com o DSM – 5 são definidos por:

Ruptura da identidade caracterizada pela presença de dois ou mais estados de personalidade distintos; A ruptura na identidade envolve descontinuidade acentuada, no senso de si mesmo e de domínio das próprias ações. Lacunas recorrentes na recordação de eventos cotidianos, informações pessoais importantes e/ou eventos traumáticos que são incompatíveis com o esquecimento comum. Os sintomas causam sofrimento clinicamente significativo e prejuízo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo. (DSM-5, 2014, p.292)

As características acima podem ser encontradas na personagem principal da história, o narrador. Ele se torna incapaz de manter a postura em seu ambiente de trabalho, sofre de insônia e, por causa disso, alimenta uma melancolia dentro de si, além do desprezo pela vida, que reflete em sua vida profissional. A partir de um determinado momento, ele não consegue mais controlar suas ações e nem as entender, como quando ele se questiona: “Se eu podia acordar em um lugar diferente em uma hora diferente, será que podia acordar como uma pessoa

¹⁸ Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5 / [American Psychiatric Association; tradução Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al]. – 5.ed – Porto Alegre: Artmed, 2014. Xlív, 948p. ; 25cm

diferente?” (p.33), que se conecta diretamente com a questão da amnésia. O narrador tem sua última lembrança em um ambiente antes de adormecer, e quando acorda ele está em um local completamente diferente sem lembrar de como chegou lá. “Às vezes você acorda e precisa perguntar onde está.” (p.33). Ele culpa a insônia, pois até então não possui o conhecimento que ele não está sozinho no próprio corpo, e que outra personalidade assume quando ele consegue adormecer. “Indivíduos com TDI podem relatar que se encontram de repente na praia, no trabalho, em uma boate ou em algum lugar em casa sem lembrar como aí chegaram” (DSM – 5; 2004; p. 293).

De acordo com Spiegel (2017), “as pessoas podem sentir uma alteração súbita na forma como veem a si mesmos, talvez sentindo como se fossem observadores de sua própria fala, emoções e ações, em vez de o agente”. Isso é evidente na relação do narrador com Tyler. O Transtorno só é mencionado na narrativa nos momentos finais quando o narrador percebe que é um paciente deste: “isto é um sonho. Tyler é uma projeção. Ele é um transtorno dissociativo de identidade. Um estado de fuga psicogênica. Tyler Durden é minha alucinação” (p.168). Mas, durante toda a narrativa, e quase imperceptivelmente, o autor faz questão de dar inúmeros indícios de que nunca se tratou de duas pessoas, mas, sim, de apenas uma. Por exemplo, em momentos em que o narrador conta para seu chefe: “respondo que não quero morrer sem ter algumas cicatrizes. Não significa mais nada hoje ter um corpo perfeito” (p.49); e, pouco depois, quando narra sobre a primeira vez que ele e Tyler brigaram (“quero que me dê um soco o mais forte que conseguir” p. 46), coincidentemente a primeira briga da vida de ambos (p.53), narra: “mas Tyler me explicou tudo, falando sobre não querer morrer sem cicatrizes, de estar cansado de ver apenas os profissionais lutando e de querer saber mais sobre si mesmo”, indicando a mesma linha de pensamento e falando como se fossem a mesma pessoa. Nesta mesma página, o narrador relata: “No hospital, Tyler diz que eu caí. Às vezes Tyler fala por mim.” Ou seja, às vezes, mesmo que ele esteja em plena consciência, Tyler ainda consegue assumir.

Sobre isso, é possível encontrar no DSM – 5 a seguinte afirmação: a amnésia dissociativa em indivíduos com TDI manifesta-se de três formas principais: “como lacunas na memória remota de eventos da vida pessoal, lapsos de memória normalmente confiável, descoberta de evidências de ações e tarefas cotidianas que eles não lembram terem feito”. (DSM -5, 2014, p.293)

São duas personalidades muito opostas. Um é completo de si, poderoso, independente, destemido, assumidamente um anarquista que quer derrubar o sistema. Já o outro é o contrário: consumista, não acredita em sua própria capacidade de poder, triste e sozinho – tão sozinho que em um momento ele chega a falar: “eu nunca, nunca mesmo, contei isso a ninguém, mas antes de conhecer Tyler estava planejando comprar um cachorro e chamá-lo de ‘Companheiro”” (p.144). De acordo com David Spiegel, em seu artigo sobre Transtorno Dissociativo de Identidade publicado no Manual MSD – Versão para profissionais de saúde:

O grau observável das diferentes identidades varia. Elas tendem a ser mais evidentes quando as pessoas estão sob estresse extremo. O que é conhecido por uma identidade pode ou não ser conhecido por outra; i.e., uma identidade pode ter amnésia para eventos vividos por outras identidades. Algumas identidades parecem conhecer e interagir com outras em um mundo interno complexo, e algumas identidades interagem mais do que outras. (SPIEGEL, 2017)

Mais de uma vez, durante a narrativa, encontramos a citação “Eu sei disso porque Tyler saber disso”, o que remete à ironia de que na verdade Tyler só sabe aquilo tudo porque já é conhecimento prévio do narrador. Pode-se perceber, então, que o narrador possui relevante conhecimento sobre várias coisas, mas não possui autoestima suficiente para enxergar isso. Ele narra: “Tyler é cheio de informações úteis” (p.77). Bom, se não fosse por causa dele, Tyler não saberia de nada. Alguns exemplos disso é como ele descreve a construção caseira de bombas diversas vezes durante a narrativa, quando também relata que “você pode engolir mais ou menos meio litro de sangue antes de passar mal” (p.49) e como ele explica detalhadamente na página 28 sobre como funcionam as películas de filmes em cinemas que usam projeção e como qualquer um pode manipular esses filmes para que apareça o que quer que você deseja por um milissegundo na tela.

Desde o princípio da narrativa somos guiados pela mente de um homem que pensa pouco de si mesmo, incapaz de acreditar na sua própria capacidade e tão incrédulo da vida que esqueceu de quem realmente é. Diante disso, acabou “criando” uma dupla personalidade que representa tudo aquilo que ele admira e almeja ser, pois para ele parece algo impossível. Isso também é uma das características do TDI, a criação de uma dupla – em alguns casos, múltiplas – personalidade pelo paciente para escapar de sua realidade. Sua maneira de

conseguir lidar com aquilo que está fazendo mal é criando outra personalidade que vai lidar com a situação no lugar de si mesmo.

No capítulo 12, há indícios de “falha” das personalidades, onde o narrador começa a falar e agir como Tyler ainda sendo ele mesmo, e confirma: “São as palavras de Tyler saindo da minha boca. Eu costumava ser uma ótima pessoa.” (p.99) Este momento é interessante, pois Tyler vai surgindo no narrador sem a troca, de fato, da personalidade. Em um dado momento, o narrador é confrontado por seu chefe por ter utilizado a impressora do trabalho para imprimir as regras do clube da luta, o que não condiz com as normas da empresa. À medida em que o chefe questiona o narrador sobre aquilo, observa-se que ele vai mudando de humor e se transformando em uma pessoa diferente daquela que conhecemos: o homem empático, covarde, triste. Por um momento, ele se transforma no homem que ele mais admira sem sair dele mesmo:

E então? Ele sacode o papel diante do meu nariz. Ele pergunta o que acho e o que deve fazer com um empregado que gasta tempo na empresa com um mundo de fantasia. Se eu fosse ele, o que faria? [...] Digo a ele que eu tomaria muito cuidado a respeito de com quem falaria sobre aquele papel. Digo que parece que alguém muito perigoso, psicótico e assassino escreveu aquilo e que esse esquizofrênico com um parafuso a menos poderia muito bem perder a cabeça a qualquer momento de um dia de trabalho e ir de escritório em escritório com uma carabina semiautomática Armalite AR-180. [...] Falando sério, falo para ele, isso parece fascinante. É o trabalho de uma mente completamente doente. E então sorrio. (PALAHNIUK, 1996, p.98/99)

Depois de tudo que já tínhamos conhecimento sobre o narrador, pode-se perceber que nesse momento há um conflito de personalidades, pois ele ameaçou de morte seu chefe com imensa tranquilidade, e isso não é algo que ele normalmente faria, mas Tyler, sim. Algumas das características diagnósticas presentes no TDI, ainda de acordo com o DSM – 5 são: emoções fortes, impulsos e até mesmo a fala ou outras ações podem emergir repentinamente, sem um sentido de domínio ou controle pessoal. Essas emoções e impulsos costumam ser descritos como egodistônicos e enigmáticos. Atitudes, opiniões e preferências pessoais podem mudar subitamente repetidas vezes (p.293); encaixando-se perfeitamente com o trecho citado acima.

Outro momento importante no desenvolvimento do enredo, agora envolvendo o chefe do restaurante do hotel sofisticado em que ele trabalha à noite como garçom, é quando ele vai desafiá-lo a demiti-lo, ameaçando espalhar para todos que ele contamina com urina as sopas dos ricos que jantam ali:

Sem vacilar e ainda olhando para ele, giro o punho com a força centrífuga do braço e arranco sangue fresco dos ferimentos do meu nariz.
Sem qualquer razão, lembro-me da primeira noite em que Tyler e eu lutamos. *Quero que me dê um soco o mais forte que conseguir.*
(PALAHNIUK, 1996, p.116)

Nesse momento da narrativa ele começa a lutar contra ele mesmo na sala do gerente e, ao mencionar que “sem qualquer razão” ele lembra sua primeira luta com Tyler, podemos conectar diretamente ao TDI, pois ele tem lembranças de já ter feito aquilo antes. Quando ele estava lutando com Tyler, ele estava lutando contra ele mesmo, cada golpe que ele transferia em Tyler e vice-versa era apenas ele sozinho, e agora o seu chefe estava testemunhando isso. Ao final, após conseguir o que ele pretendia – continuar recebendo seu salário sem precisar ir trabalhar – ele relata: “E foi assim que Tyler ficou livre para começar um clube da luta todas as noites”. (p.117); o que implica no questionamento: por que Tyler ficaria livre para começar outros clubes da luta se quem foi “demitido” tinha sido o narrador? Ou seja, esse pode ter sido um momento em que o autor quis evidenciar Tyler e o narrador como um só de maneira discreta, porém, ainda assim, explicita.

Diferente do narrador, Durden tem noção que é uma múltipla personalidade e usa e abusa do narrador enquanto ele joga a culpa de tudo na insônia. Há vários momentos que provam que ele tem plena consciência de que não está sozinho naquele corpo e que também não é a personalidade dominante, por exemplo:

você falou de mim para outras pessoas, seu merdinha. Você quebrou sua promessa. Tyler queria saber quando eu descobri. Toda vez que você dorme – Tyler diz, - eu escapo e faço algo louco, algo bizarro, algo completamente fora de mim. (PALAHNIUK, 1996, p.163)

É impossível ignorar o fato de que o narrador acabou criando Tyler dentro de si, possivelmente, por se sentir sozinho e incapaz e, em vez de um melhor amigo, acaba criando um de seus relacionamentos mais abusivos. Em vista do que já sabemos sobre o Narrador, sua insônia e depressão, isso remete a um mecanismo de defesa descrito pela teoria psicanalítica originalmente desenvolvida por Sigmund Freud, conhecido como *projeção*. Este mecanismo pode ser utilizado por pessoas que estão a fim de proteger-se de situações que não querem lidar ou pensar sobre, aliviando os sentimentos de ansiedade ou culpa que pensamentos dolorosos e

indesejáveis associam-se. Negação, regressão, atuação, dissociação e compartimentalização são outros exemplos de mecanismos de defesa:¹⁹

Quando as pessoas usam projeção como um mecanismo de defesa, percebem um pensamento desagradável, sentimento ou qualidade como pertencente a outra pessoa, em vez de a si mesmos a fim de ter a carga emocional retirada de si. (AZEVEDO, 2016)

Em sua pesquisa intitulada “15 common defense mechanisms”²⁰, John M. Grohol, Mestre e Doutor em Psicologia Clínica²¹, explica:

Projeção é a atribuição incorreta dos pensamentos, sentimentos, ou impulsos indesejados para com uma pessoa que não possui esses pensamentos, sentimentos e impulsos. Projeção é utilizado especialmente quando os pensamentos são considerados inaceitáveis para a pessoa expressar, ou quando se sentem completamente desconfortáveis em tê-los. Projeção é geralmente o resultado da falta de discernimento e conhecimento das próprias motivações e sentimentos. (GROHOL, 2019)²²

Tyler é uma personalidade tóxica, manipuladora e má. Desde o princípio, ele sabe que é uma dupla personalidade do narrador, antes mesmo de ser apresentado na história, como é o caso em que ele confessa ao narrador que foi ele quem explodiu o seu apartamento, tendo em vista que ele já tinha seus planos anarquistas – “Você justifica a anarquia – Tyler diz. – Você a compreende.” (p.124) – e a vida patética e rotineira do narrador estava atrapalhando tudo, e ele precisa dele por completo.

A primeira vez que me encontrei com Tyler eu estava dormindo. Eu estava cansado, enlouquecido e apressado e sempre que embarcava em um avião eu desejava que ele caísse. Tinha inveja das pessoas morrendo de câncer. Odiava minha vida. Estava cansado e entediado do meu trabalho e da minha mobília e não conseguia ver um jeito de mudar as coisas. Via apenas como terminar com tudo. (PALAHNIUK, 1996, p.173)

Nesse momento, é possível observar que o narrador está no auge da sua depressão, não enxerga mais nem um motivo para continuar vivendo, odeia tudo

¹⁹ Disponível em: <https://psicoativo.com/2016/01/projecao-freudiana-projecao-segundo-freud.html>; Acesso em 29/10/19.

²⁰ 15 mecanismos de defesa comuns; Disponível em: <https://psychcentral.com/lib/15-common-defense-mechanisms/>; Acesso em 29/10/19.

²¹ Disponível em: <https://psychcentral.com/lib/author/grohol/>; Acesso em 29/10/19.

²² Texto original: Projection is the misattribution of a person's undesired thoughts, feelings, or impulses onto another person who does not have those thoughts, feelings or impulses. Projection is used especially when the thoughts are considered unacceptable for the person to express, or they feel completely ill at ease with having them. Projection is often the result of a lack of insight and acknowledgement of one's own motivations and feelings.

que circunda a sua vida, principalmente ele mesmo. Ao não ver um escape disso, ele acaba criando uma dupla personalidade que materializa tudo aquilo que ele deseja ser e já não consegue mais, visto a depressão ter assolado tudo que ele era capaz de sentir.

Ao conhecer Tyler, isso muda, ele chegou para dar ao narrador um foco, um rumo, um novo sentido na vida. Tyler apareceu como uma forma de escape do mundo sombrio que o narrador estava tão imerso. É importante ressaltar que o narrador fala que a primeira vez que o encontrou foi quando estava dormindo, e que em momento algum ele confirma ter acordado. Como já citado anteriormente, Tyler só existe quando o narrador está adormecido, ou seja, podendo ser considerado como a pulsão dele, representando seus sonhos mais obscuros. Em “Poética do Imaginário”, no Ensaio XI “*Os mitos da psicanálise*”, Sébastien Joachim explica:

As pulsões do Ego e seus representantes-representações são o objeto de uma recusa cega ou dum não-reconhecimento, de um lado, em razão de um interdito do Superego; de outro lado, em razão do empenho constante dos processos secundários. O que são esses processos secundários? São forças que trabalham na fronteira da consciência / da realidade e do inconsciente, civilizando / traduzindo os selvagens impulsos dos processos primários em conformidade com uma gramática aprendida ou inventada na hora. O Ego é o palco de tudo isso, ele é uma alfandega, um sujeito que vive no limiar, a mando de dois mestres a conciliar: O Id / ou forças caóticas do ser, o SuperEgo ou a Lei/ a Ordem. O Anticaótico. [...] Quando a lei ou a censura ameaça, as pulsões – pulsões de vida, ditas pulsões sexuais ou de conservação, pulsões de morte ou de destruição – se encolhem, i.e., ficam recalçadas, de rabo entre as pernas; entretanto, sonsas por natureza, continuam agindo sorrateiramente no porão do Id, espalhando sintomas, até o dia D no qual encontram uma brecha pela qual retornam e procuram descarga ou passagem ao ato. (sic) (JOACHIM, 2010, p.191)

Há momentos da narrativa que são citados certos momentos vivenciados por Tyler como se o narrador estivesse sonhando com aquilo, como acontece quando Tyler e Marla se conhecem.

Sonhei a noite toda que estava transando com Marla Singer. Ela fumava seu cigarro. E virava os olhos. Acordo sozinho na minha cama e a porta do quarto de Tyler está fechada. A porta do quarto dele nunca está fechada. (PALAHNIUK, 1996, 57)

Existem inúmeros casos reais de pacientes do Transtorno Dissociativo de Identidade, como o caso de Louis Vivet, nascido em 12 de fevereiro de 1863²³. Foi

²³ FAURE, Henri; KERSTEN, John; KOOPMAN, Dinot; VAN DER HART, Onno. “The 19th Century did case of Louis Vivet: New findings and re-evaluation”. Amsterdam, Netherlands. May 13, 1995.

um dos primeiros pacientes de saúde mental diagnosticado com TDI, que inspirou o autor Robert Louis Stevenson a escrever sua obra “*O Médico e o Monstro*” (1886). Aos 8 anos, Vivet já se dedicava a cometer pequenos crimes para sobreviver, já que sua mãe, que era prostituta, apenas batia nele e o negligenciava. Foi enviado para uma casa de jovens infratores, e aos 18, solto novamente. O grande trauma que desencadeou seu transtorno dissociativo foi que, aos 17, uma cobra se enrolou em seu braço enquanto ele trabalhava em uma fazenda. Apesar de não ter sido picado, o incidente o aterrorizou tanto que, além de sofrer convulsões, ele ficou paralisado da cintura para baixo, começando a recuperar os movimentos das pernas um ano e meio depois. Ele foi enviado para um hospício e era incapaz de reconhecer as pessoas com quem ele convivia na instituição. Algum tempo depois recebeu alta, mas continuou a frequentar hospitais mentais e foi diagnosticado com Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI). Quando paralisado, Vivet era gentil, reservado, intelectual e tranquilo; já quando estava em seu estado de conseguir andar, ele era arrogante, conflituoso e conivente. (FAURE, 1995). Um dos médicos que tratou Vivet, Pierre Janete, descobriu que ele contava com cerca de 6 personalidades distintas – cada uma com características e contextos diferentes. Em suas palavras:

“Eles alternavam e envolviam entre dissociação e retração do campo de consciência: cada uma possuía memórias diferentes, características pessoais, e vários níveis de problemas sensoriais e de movimentos. Por exemplo, uma era gentil e trabalhadora, outra era preguiçosa e irritadiça, outra era incoerente com o lado esquerdo paralisado, e outra era paraplégica (paralisa na parte baixa do corpo).”²⁴ (John Wiley & Sons. p. 423.)

Existem diversos momentos nos quais são possíveis de identificar que Tyler é uma personalidade do narrador, como no capítulo 11, onde há uma discussão dele com Marla em vista do que ele fez com sua mãe, logo depois que ela achou o saco plástico com colágeno na geladeira e o deixou cair no chão, espalhando líquido branco e gorduroso pela cozinha (p.94):

Seguro Marla pela cintura, de costas para mim, seus cabelos negros batem em meu rosto, seus braços estão junto ao corpo e fico repetindo que não fui eu. Não fui eu. Não fiz isso. [...] Foi o Tyler.

²⁴ Texto original: “These alternated and involved both dissociation and retraction of the field of consciousness: Each had different memories, personal characteristics, and varying degrees of sensory and movement problems. for example, one was gentle and hardworking; another lazy and irritable; another was incoherent with paralysis on the left side; and one had paraplegia (paralysis of the lower body).”

- Mas que porra você está dizendo? – Marla grita e pula para fora de sua saia. [...] Quando Marla grita, eu jogo a saia no rosto dela e corro. E escorrego. E corro. Marla corre atrás de mim pela casa, [...] – Você ferveu a minha mãe! – Marla gritava. Tyler ferveu a mãe dela. Marla gritava e mantinha-se a apenas uma unha atrás de mim. Tyler ferveu a mãe dela. – Você ferveu a minha mãe! (PALAHNIUK, 1996, p.94/95).

A importância desse momento se dá ao fato de que demonstra como Marla não aceita o narrador colocar a culpa em outra pessoa, uma vez que, para ela, foi ele quem fez aquilo. Ela constantemente rebate o argumento dele de que foi Tyler quem ferveu sua mãe, porque para ela ele está agindo covardemente ao não assumir a autoria do fato. É importante ressaltar que, naquele momento, ela desconhece a existência de duas personalidades. Também quando o narrador enfatiza o fato de que Marla e Tyler jamais estão no mesmo cômodo a não ser quando estão engajados em atividades sexuais:

Tyler e Marla nunca estão no mesmo lugar. Eu nunca os vi juntos. [...] O Tyler simplesmente não sai do quarto quando Marla está por aqui. [...] A não ser quando estão transando, Marla e Tyler nunca estão no mesmo cômodo. Se Tyler está por perto, Marla o ignora. Essa é uma situação familiar. (PALAHNIUK, 1996, p.66/67)

Algo que se destaca nesse mesmo capítulo é que Tyler pede para o narrador se livrar de Marla, em vez dele próprio fazer isso. Enquanto Marla está em cena, Tyler não aparece “materializado” como o narrador costuma vê-lo, mas é só ela sair que ele aparece.

Marla sai pela porta dos fundos cantando a bizarra música “Valley of the Dogs”. Fico observando ela ir embora. Então tenho um, dois, três momentos de silêncio até que Marla saia da minha vista por completo. Me viro, e lá está Tyler. Nenhum som, nenhum cheiro, apenas apareceu. (PALAHNIUK, 1996, p. 69)

Outro momento que o autor faz parecer inocente, mas que faz sentido uma vez que se tem conhecimento que o narrador é portador de TDI, é:

Marla chegou em casa e nem bateu, ela se inclinou para dentro da porta e gritou:
 - Ô de casa.
 Eu estava completamente concentrado lendo uma *Reader's Digest* na cozinha. Marla grita:
 - Tyler. Posso entrar? Você está em casa?
 Grito que ele não está.
 - Não seja mau assim – Marla grita. (PALAHNIUK, 1996, p.92)

Chuck Palahniuk consegue tratar a patologia de uma maneira singular, podendo-se perceber como o autor foi sagaz em sua escrita descrevendo, em vários

momentos, que Tyler Durden nunca foi uma pessoa real, ele sempre esteve dentro do narrador.

4. TYLER DURDEN

“Um dia você vai morrer e até que saiba disso, você é inútil para mim”

PALAHNIUK, p. 76

Nosso anti-herói produz um alter ego virtual e delirante, uma máquina desejante de destruição, que arrastará o protagonista para fora do mundo em que estava preso e disciplinado. Com julgamentos forjados e obrigações inventadas, só faltava à coragem a ‘Jack’²⁵ para romper com seu mundo. E de coragem Tyler é construído. Uma coragem sem dúvidas, inconsequente e cruel (PIMENTEL, 2006, p. 61).

De acordo com o Manual MSD (Versão para Profissionais de Saúde, 2016), o Transtorno de Personalidade Antissocial (TPA) é caracterizado por um padrão generalizado de descaso com as consequências de suas atitudes, bem como com os direitos de outros. Pessoas com TPA cometem atos ilegais, fraudulentos, exploradores e imprudentes para ganho pessoal ou prazer sem remorso. Podem expressar seu descaso pelos outros e pela lei destruindo propriedade, assediando outros ou roubando. Eles podem enganar, explorar, fraudar ou manipular as pessoas para conseguir o que querem. Estão determinados a não serem intimidados e fazem o que eles acham que é o melhor para si a qualquer custo.

Esses pacientes não têm empatia pelos outros e podem ser desdenhosos ou indiferentes aos sentimentos, direitos e sofrimentos dos outros. Pacientes com TPA tendem a ter uma opinião elevada de si mesmos e podem ser muito teimosos, autoconfiantes ou arrogantes. (CHOI-KAN, 2016). Exemplo disso é o ocorrido quando Tyler confessa a autoria da explosão no apartamento do narrador, enquanto ele conversa ao telefone com o detetive que está investigando o crime. Durante sua fala, Tyler manipula o narrador a convencer o agente que foi ele próprio o causador daquela tragédia, já que ele se odeia tanto, mas não pode se explodir, portanto ele acaba por explodir tudo aquilo que o representa:

- Diga a ele – Tyler sussurra. – É claro que foi você que explodiu tudo. É o que ele quer ouvir.
Digo ao detetive que não, não deixei o gás aberto e depois fui viajar. Eu amava minha vida. Adorava cada parte da mobília. Eram a minha vida. Tudo que estava lá, abajures, cadeiras, sofás, era a minha cara. Os pratos

²⁵ Nome atribuído, por muitos leitores e cinéfilos, ao Narrador.

nos armários eram eu. As plantas eram eu. A televisão era eu. Fui eu quem explodiu. Ele não enxergava isso?
O detetive disse para eu não sair da cidade. (PALAHNIUK, 1996, p.111)

Todos os seus bens materiais, seu apartamento de luxo no bairro nobre da cidade, seus moveis e coleções de revista e tudo que o prendia àquela versão dele mesmo, agora tinha virado poeira. Aquela era sua libertação, afinal, “as coisas que costumavam ser suas agora mandam em você” (p.44).

- O desastre é uma parte natural da minha evolução – Tyler sussurrou – rumo à tragédia e à dissolução. [...] Estou rompendo meus vínculos com a força física e os bens materiais – Tyler sussurra -, pois apenas ao me destruir posso descobrir o poder superior do meu espírito. [...] – O libertador que destruir minha propriedade estará lutando para salvar meu espírito – Tyler fala. – O professor que tirar todos os bens materiais do meu caminho estará me libertando. (PALAHNIUK, 1996, p.111)

Esta parte da narrativa deixa notório como Tyler tem plena noção de que cada um de seus passos são muito bem calculados. Ao falar com o detetive, ele não poupa palavras literais de que foi ele quem fez acontecer, mas transforma a situação em um momento poético de confessorário. Tyler precisava do narrador por completo, precisava que ele se desapegasse de quem costumava ser e deixasse para trás aquele homem dependente da aprovação de terceiros. Além disso, precisa dele completamente quebrado, mais do que já estava, para poder reinar de fato. Dessa forma, ele sabe que para que aconteça a dissociação da identidade, um trauma ou um fator de extremo estresse precisa acontecer, e ele o providencia de forma maligna e sem levantar suspeitas:

Em um canto da cozinha um macaco espacial está agachado no piso rachado de linóleo e estuda as próprias feições em um espelho de mão. – Sou a merda do mundo cheia de energia e vitalidade – ele fala para o espelho. – Sou o subproduto do lixo tóxico da criação de Deus. (PALAHNIUK, 1996, p171)

O que o macaco espacial fala, na verdade, são palavras ditas anteriormente por Tyler. Desde sua primeira aparição na narrativa, o autor nos leva a perceber o temperamento forte que o define, com pensamentos negativos sobre a humanidade e os compartilha de forma tão bonita e intensa, com tanta certeza e convicção, que faz com que os outros acreditem que o que ele está falando é a mais perfeita verdade sem a mínima necessidade de argumentos contraditórios. As pessoas não questionam o que ele diz e, como se isso não fosse suficiente, ele transforma seus pensamentos em mantra, onde os fiéis ao seu discurso se rebaixam e creem que

são, de fato, “a merda do mundo cheia de energia e vitalidade, e o subproduto do lixo tóxico da criação de Deus” (PALAHNIUK, 1996, p.171). Tal fidelidade leva os macacos espaciais a não temerem as forças maiores do Estado ou do universo. Se eles acreditam que são um completo nada, por que temeriam perder alguma coisa? E agora eles não estão mais sozinhos, nem se sentem tão tristes e sem rumo como costumavam. Eles querem apenas servir as ordens de Tyler e sentir como se fossem invencíveis, e é exatamente isso o que as “atividades de casa” do Projeto Desordem e Destruição passadas por Tyler faz com que eles sintam. Eles se sentem cheios de vida – praticando atos que ironicamente também podem acabar com ela.

Outro momento que dá suporte a Tyler como portador de TPA é todo o capítulo 22, que narra a descoberta do narrador sobre sua dupla personalidade e há um confronto entre os dois:

- Você falou de mim, seu merdinha. Você quebrou sua promessa. – Tyler queria saber quando eu descobri. – Toda vez que você dorme – Tyler diz -, eu escapo e faço algo louco, algo bizarro, algo completamente fora de mim. (PALAHNIUK, 1996, p.163)

Vemos assim que Tyler Durden é a personificação daquilo que o narrador deseja ser: um homem independente, destemido, poderoso, respeitado e com uma autoestima inabalável. É a representação do desapego aos bens materiais e das pessoas ao seu redor, não se importando com o que pensam dele e fugindo dos padrões impostos pela sociedade. Em contrapartida, o narrador é um homem totalmente dependente dos rótulos, consumista e materialista. Para o filósofo francês, Gilles Lipovetsky, ser uma pessoa assim na sociedade do consumo não é um problema. Nas palavras de Lipovetsky:

O projeto moderno é a liberdade e a igualdade entre os homens, mas é também uma outra coisa, que encontramos, por outro lado, na Constituição norte-americana, que é o direito à felicidade. O direito à felicidade é o direito de ter sua religião, mas também o direito à felicidade material: de viver melhor, em condições materiais melhores. Com a revolução industrial, os homens começaram a permitir uma vida melhor. A mortalidade infantil reduziu brutalmente, as mães que estavam grávidas e morriam no parto, hoje é extremamente raro, temos muito mais longevidade. As condições materiais da vida não param de melhorar. Nós chegamos a isso trabalhando em coisas cada vez mais leves, declarando guerra aos vírus, aos micróbios, às infecções e essa dinâmica continua ainda hoje. Nós temos o projeto

ilimitado, ilimitado mesmo, de melhorar a condição humana. (LIPOVETSKY, 2018)²⁶

Tyler, então, surge como um reflexo do que o narrador não consegue ser quando está em plena consciência de si próprio. Mais que isso, Tyler não se importa nem um pouco com os sentimentos reais do narrador, seu hospedeiro, seu receptáculo, e em certos momentos até demonstra ser uma pessoa má, como:

- Não estarei mais aqui em primeiro plano se você não quiser que eu esteja. Mas ainda viverei minha vida quando você estiver dormindo, mas se me foder pensando em se acorrentar à cama de noite ou tomar doses grandes de pílulas para dormir, então seremos inimigos. E eu pegarei você por isso. (PALAHNIUK, 1996, p.168)

Ele deixa evidente para o narrador que eles não são amigos, e que se ele fizer algo para impedir que Tyler possa acontecer enquanto ele dorme, ele irá se vingar, deixando claro que ele não se importa com o fato de que eles dividem o mesmo corpo. Tyler não importa em se machucar, seu único objetivo é deixar obvio quem está no comando de tudo. Ele continua:

- Que se foda essa merda toda – Tyler fala. – Talvez você seja a *minha* alucinação esquizofrênica.
Eu estava aqui primeiro.
Ele responde:
- Sim, sim, claro. Bom, vamos ver quem estará aqui por último. (PALAHNIUK, 1996, p.168)

O TPA e a psicopatia podem facilmente ser confundidos, pois ambos têm em comum a falta de empatia, fator que contribui para inexistência do sentimento de culpa ou remorso²⁷. Quando Tyler mata o chefe do narrador (p.187) o remorso recai apenas nele, quando percebe o que aconteceu.

Sei que meu chefe está morto. Há três maneiras de fazer napalm. Eu sabia que Tyler ia matar meu chefe. No instante que senti cheiro de gasolina nas mãos, quando disse que queria largar o emprego, estava dando permissão a ele. Fique à vontade. Mate o meu chefe. Oh, Tyler. Sei que um computador explodiu. Sei disso porque Tyler sabe disso. [...] O problema é que eu até gostava do meu chefe. Se você é homem, é cristão e vive na América, seu pai é o seu modelo de Deus. E às vezes você encontra seu pai em sua carreira. Acontece que Tyler não gostava do meu chefe". (PALAHNIUK, 1996, p. 187/188)

²⁶ Disponível em: <https://www.fronteiras.com/entrevistas/gilles-lipovestky-qual-o-significado-do-consumo-em-nossas-vidas/>; Acesso em 29/10/19.

²⁷ Disponível em: <http://revistasimplesmente.com.br/o-que-e-um-psicopata-compreendendo-psicopatia-e-suas-particularidades/>; Acesso em 07/10/19.

Tyler parece não calcular as consequências para provar o ponto a que quer chegar nem para evidenciar a lição que ele quer passar para àqueles que o seguem e o admiram. Ainda no confronto de Tyler com o narrador, ele começa a contar sobre as coisas absurdas que fez para conseguir o que queria e, mesmo horrorizado, o narrador começa a recuperar as lembranças. Em certo momento, Tyler discursa para o Comissário de Polícia de Seattle, uma de suas vítimas:

- Lembre-se disso – Tyler diz. – As pessoas em que você quer pisar, nós, somos as pessoas das quais você depende. Somos nós que lavamos suas roupas, preparamos sua comida e servimos seu jantar. Arrumamos sua cama. Cuidamos de você enquanto dorme. Dirigimos ambulâncias. Passamos as suas ligações. Somos cozinheiros e motoristas de táxi e sabemos tudo sobre você. Processamos seus pedidos de seguro e gastos de cartão de crédito. Controlamos todas as partes da sua vida. Somos os filhos do meio da história, criados pela televisão para acreditar que algum dia seremos milionários, astros de filme ou de música, mas não seremos. E estamos entendendo isso agora – Tyler falou. – Então não venha foder com a gente. (PALAHNIUK, 1996, p.166)

Com isso, pode-se observar que suas filosofias de vida são algo que Palahniuk quer deixar o mais explícito possível para todos os leitores. Também fica claro como seus seguidores estão por toda parte, não há um lugar que não tenha um macaco espacial presente, não existindo, portanto, uma rota de fuga. O cidadão que não concorda com os ideais do clube da luta e do Projeto Desordem e Destruição está fadado a esbarrar em um membro deles independentemente de onde ele vá, pois Tyler Durden criou uma legião. E há também a intenção do autor de nos mostrar o ódio já antes apresentado que Tyler sente pelo sistema, pela sociedade consumista e materialista, onde as pessoas criam seus ideais e paradigmas baseados no que veem na TV e na internet. Esse discurso de Tyler pela estrutura e escolha de palavras remete a outra obra, o ensaio intitulado “*Discurso da Servidão Voluntária*”, de Étienne de La Boétie (1530-1563):

É o povo que se escraviza, que se decapita, que podendo escolher entre ser livre e ser escravo, se decide pela falta de liberdade e prefere o jugo, é ele que aceita o seu mal, que o procura por todos os meios. Se fosse difícil recuperar a liberdade perdida, eu não insistiria mais. Haverá coisas que o homem deva desejar com mais ardor do que o retorno à sua condição natural, deixar, digamos, a condição alimária e voltar a ser homem? Mas não é essa ousadia que eu exijo dele, limito-me a não me permitir que ele prefira não sei que segurança a uma vida livre. Que mais é preciso para possuir a liberdade do que simplesmente desejá-la? Se basta um ato de vontade, se basta desejá-lo, que nação há que a considere assim tão difícil? Como pode alguém, por falta de querer, perder um bem que deveria ser resgatado a preço de sangue? Um bem que, uma vez perdido, torna, para

as pessoas honradas, a vida aborrecida e a morte salutar? (LA BOÉTIC, 1549, p.8/9)

Palahniuk encontra uma forma de nos mostrar como Tyler luta contra aquilo que é tão imposto pela sociedade para definir um bom e bem-sucedido estilo de vida. Ele faz uma crítica em relação ao modo em que as pessoas têm perdido o senso de si para seguir algo imposto pela classe alta que acredita ter o poder do mundo em mãos, e como fica difícil perceber que estamos seguindo um pensamento que não é, de fato, nosso. Dessa forma, o autor cria uma personagem que procura uma maneira de liderar um povo para lutar pela recuperação de vossas liberdades, uma vez que são todos tão dependentes do Estado, do capitalismo e da aprovação alheia.

A partir do momento que o narrador descobre que seu chefe está morto (p.188), ele decide abrir mão de tudo que eles dois haviam criado até o momento, tentando pôr um fim aos planos e atividades impostas por Tyler no Projeto Desordem e Destruição ao ver que aquilo está tomando um rumo completamente fora de controle. Acontece que Tyler sabia que o narrador iria voltar atrás assim que tivesse conhecimento da existência dele e ele quer fazer o narrador sofrer por ser um “covarde” mesmo que seja seu receptáculo, e assim ele já preparou os macacos espaciais para que estivessem prontos para o que iriam enfrentar com seu próprio líder, de um jeito que o narrador não conseguiria uma brecha para escapar da situação:

– Você conhece os procedimentos, senhor Durden – o mecânico diz. – Você mesmo que ditou. Disse que se alguém tentasse fechar o clube, mesmo que fosse você, então teríamos que pegar a pessoa pelo saco.
 Digo que todos eles estão cometendo um grande erro.
 - Você nos falou que provavelmente diria isso – o mecânico afirma.
 Não sou Tyler Durden.
 - Você falou que diria isso também.
 Estou mudando as regras. Vocês podem continuar com o clube da luta, mas não vamos castrar mais ninguém.
 - Ah, sim, claro – o mecânico responde. Ele está no meio do corredor segurando a faca à sua frente. – Você falou que *com certeza* diria isso.
 (PALAHNIUK, 1996, p.189-191)

O narrador se vê desesperado nessa situação, estando encurralado por macacos espaciais dentro de um ônibus, prestes a ter seus testículos cortados fora, e quando ele acha que apareceu um fio de esperança ao ver o carro da polícia se aproximar, ele é surpreendido pela pergunta do policial quando entra no ônibus:

“Vocês já cortaram?” (p.189). A descritiva serve para enfatizar o discurso de Tyler de que eles estão em todo lugar, e que ele está sempre um passo à frente do narrador.

No capítulo 11 podemos enxergar como Tyler se importa apenas com seu bem-estar e sucesso pessoal. Um exemplo disso é o que ele faz com o colágeno retirado das coxas da mãe de Marla:

Tyler chama a si mesmo de Companhia de Sabão da Paper Street. As pessoas andam dizendo que são os melhores sabonetes do mundo.
- O pior teria sido se você comesse acidentalmente a mãe de Marla – ele diz. (PALAHNIUK, 1996, p. 89)

Ela havia retirado uma grande quantia de gordura das suas próprias coxas em um processo de estética e, pelo mesmo motivo, Marla manteve a gordura com ela e como não tinha condições de mantê-la em seu quarto no Regent Hotel, Marla a levou para a casa de Tyler (pois confiava nele) e guardou na geladeira. Acontece que, segundo Tyler, a gordura humana é melhor que a gordura animal para fazer sabão (p.92) e, ao ver aquela grande quantia de gordura na geladeira, Tyler não hesitou e a utilizou para seu próprio proveito sem considerar os objetivos de Marla.

Ele continuamente envia doces para a mãe de Marla com a esperança de que logo ela fique incomodada com sua forma física e faça o procedimento mais uma vez, conseqüentemente fazendo com que Tyler obtenha mais matéria-prima: “Ouça o que vou dizer. Temos um pedido grande a cumprir. Precisamos mandar mais chocolates para a mãe de Marla e talvez alguns bolos.” (PALAHNIUK, 1996, p.94).

Lois Chon-Kain (2016) afirma que é encontrado no diagnóstico de pacientes de Transtorno de Personalidade Antissocial a capacidade de não sentir remorso, indicado pela indiferença ou racionalização da agressão ou maus-tratos de outros; ser facilmente irritado ou agressivo, indicado por brigas físicas constantes ou agressão a outros; de forma imprudente desprezam sua segurança ou a segurança dos outros.

No capítulo 15, Tyler enfrenta o presidente da associação local da união nacional dos projecionistas e sindicato dos operadores independentes de cinema, um dos seus chefes, quando Durden está sendo demitido e escuta a seguinte frase: “Não pense nisso como uma rejeição. Pense como diminuição de pessoal”. (p.113)

Com o ego²⁸ inflamado, Tyler não sabe lidar com a rejeição e logo contorna a situação ameaçando o presidente, “aquilo não era um problema desde que o sindicato continuasse a mandar seu pagamento, ele manteria a boca fechada” (p.113), e então ele conta de todas as vezes que inseriu pornografia nas películas por milissegundos e como aquilo seria a queda da rede de cinemas:

No escritório do sindicato dos projetoristas, Tyler riu depois que o presidente deu um soco nele. Apenas um soco foi suficiente para arrancá-lo da cadeira e Tyler ficou sentado no chão, encostado na parede e rindo.
- Vá em frente, você não pode me matar – Tyler estava rindo. – Seu merda estúpido. Pode me dar uma surra, mas não pode me matar. Você tem muito a perder, eu não tenho nada a perder. (PALAHNIUK, 1996, p.115)

O fato de Tyler estar rindo numa situação que ele deveria apenas estar se protegendo e sentindo muita dor remete a seu TPA. Ele sente prazer nesse sofrimento. Além do fato de que, por ele estar rindo ao estar apanhando, uma imagem perturbadora se formará para a pessoa que está o agredindo. E, para agravar a situação, ele ainda discursa:

- Sou um lixo – Tyler diz. – Um lixo, um merda e um louco para você e este mundo fodido – ele fala para o presidente do sindicato. – Você não liga para onde moro, como eu me sinto, o que como, como alimento meus filhos ou como pago o médico se ficar doente, e, sim, sou estúpido, entediante e fraco, mas ainda sou responsável sua. (PALAHNIUK, 1996, p.115)

E simples assim ele consegue entrar na cabeça do presidente e obtém sucesso no plano que ele queria, apenas revelando verdades difíceis de enfrentar.

Depois disso, ele segue para o Hotel Pressman, onde o narrador trabalhava como garçom para tentar a mesma barganha da ameaça: ficar com o segredo de que pessoas ricas e famosas bebiam sopa com a urina deles em troca de não precisar mais ir trabalhar, mas continuar recebendo o pagamento. O narrador entra na sala do gerente do hotel e liga para a editoria de Cidades de um jornal, fala que fez um protesto político contra a exploração dos trabalhadores pela indústria de serviços (p.116). Rapidamente, o gerente desliga a ligação que está sendo feita pelo narrador e informa que não vai mais querer seus serviços por causa de sua aparência, e sem perder tempo, ele começa a se agredir:

²⁸ Para Freud, o ego é a consciência do indivíduo, é ele quem determina as suas ações e instintos perante os eventos que se manifestam no mundo real. O ego é o eu, a essência de cada um. (FREUD, Sigmund. GROUP PSYCHOLOGY AND THE ANALYSIS OF THE EGO; Londres, 1949).

Você não gosta disso aqui? Sem vacilar e ainda olhando para ele, giro o punho com a força centrífuga do braço e arranco sangue fresco dos ferimentos do meu nariz. Sem qualquer razão, lembro-me da primeira noite em que Tyler e eu lutamos. [...] Me jogo com força na parede fazendo um barulho terrível e quebrando o quadro que está lá pendurado. [...] Me ajudem, por favor. Não me bata de novo, por favor. (PALAHNIUK, 1996, p. 116)

Toda essa sua atitude é um reflexo da personalidade de Tyler dominando o narrador, mesmo que neste momento ele esteja consciente de si. A ocasião na qual ele começa a se agredir na frente do gerente do hotel remete diretamente à primeira luta dele com Tyler, pois ele está revivendo aquele momento, lutando contra ele mesmo. Ele continua naquela luta pedindo socorro e rindo até os seguranças entrarem na sala. No momento em que o narrador liga para a editora de Cidades de um jornal, ele relata:

Se eu fosse para a prisão não seria apenas um peão desequilibrado sacaneando uma sopa. Aquilo teria uma escala heroica. Garçom Robin Hood é o Campeão dos Desfavorecidos. Isso seria algo muito maior do que apenas um hotel e um garçom. (PALAHNIUK, 1996, p.115)

Anterior a este ocorrido, há um momento que o narrador e Tyler se denominam como terroristas da indústria de serviços:

Tyler e eu viramos guerrilheiros terroristas da indústria de serviços. Sabotadores de festas. O hotel organiza festas e, quando a pessoa também quer comida, ela recebe comida, vinho, a porcelana, os copos e os garçons. Tudo isso em uma conta. E como eles sabem que não podem ameaçá-lo com a gorjeta, passam a vê-lo como uma barata. (PALAHNIUK, 1996, p.82)

Cansado desse tratamento repleto de descaso – após serem contratados como garçons para um jantar de gala em uma mansão, Tyler entregou um bilhete para a anfitriã dizendo que havia colocado uma gota de urina em um de seus perfumes. Aquilo fez com que a mulher entrasse em desespero, visto que ela possuía inúmeros frascos de perfume em seu banheiro e não teria como saber em qual deles estava a urina. Ela acaba quebrando todos os frascos e se machucando. O propósito daquilo tudo, Tyler diz, é:

...eles matavam baleias para fazerem aquele perfume que custa mais do que uma onça de ouro. A maioria das pessoas nunca viu uma baleia. Leslie [uma das garçonetes que estava em serviço com eles] tem dois filhos em um apartamento perto da estrada e a madame anfitriã tem mais dinheiro em garrafas de perfume do que todos nós ganharemos em um ano de trabalho. (PALAHNIUK, 1996, p. 84)

Com isso, retornamos ao momento em que o narrador se compara a Robin Hood (p.115). Ele e Tyler são pessoas que tiram dos ricos, não tendo empatia para o sofrimento deles e até sentem prazer em causá-los. Na página 86, até consideram colocar hepatite nos pratos de restaurantes renomados. Assim, a visão de Tyler Durden e seu fiel companheiro, o narrador, acerca de suas ações contra os ricos, famosos e poderosos, é interpretado como uma analogia aos princípios morais de Robin Hood mais de uma vez (novamente em: “- A banha mais rica e cremosa do mundo, a gordura da nossa terra – ele diz. – Isso faz da nossa noite algo parecido com Robin Hood.” p. 149), pois eles são os mediadores de toda uma legião de pessoas que não podem agir e lutar contra aqueles que os oprimem. Por isso, Tyler Durden e sua psicopatia são ignorados, e os fãs, tanto na narrativa quanto os da narrativa, na grande maioria das vezes, enxergam apenas o Tyler Durden herói de um povo, e não o sociopata com tendências anarquistas que ele realmente é.

5. O NARRADOR – ANÔNIMO

“Sou um idiota e tudo o que faço é querer e precisar das coisas”

PALAHNIUK, p.144

Infeliz com seu trabalho e com tudo que envolve a sua vida, o narrador luta contra a solidão, pois sua única companhia é a insônia. A sua vida se resume em casa – trabalho, e sem dormir no meio termo. Ele não tem amigos, não tem família, não tem um laço amoroso, não tem um nome:

A solidão faz-se sempre acompanhar do sentimento de tristeza, afeto por excelência da depressão. Estar só no mundo, incapaz de sentir-se amado e de amar, porém portador de “uma grande ânsia de amor”; eis o que sente o melancólico (PERES, 2003, p.25)

O fato dele não ter nome na narrativa implica um propósito do autor de mostrar como, de fato, o narrador se sente e é visto como um ninguém. Porém, diferente de Tyler Durden, o narrador é um homem que demonstra sentimentos, preocupações, apesar do vazio existencial que o habita:

Não há infelicidade maior do que estar sujeito a um chefe. Nunca se pode confiar na bondade dele e só dele depende o ser mau quando isso lhe profer. Ter vários amos é ter outros tantos motivos para se ser extremamente desgraçado. (LA BOÉTIC, 1549, p.5)

Desde o princípio da narrativa, ele demonstra ser uma pessoa sem perspectiva de vida, imerso na sociedade do consumo descontrolado, conforme apresentado na introdução. É um homem de trinta anos de classe média alta que trabalha em uma empresa de seguro de automóveis, porém infeliz com a vida e consumido pela solidão, e usa seu tempo e dinheiro para encher seu apartamento de utensílios das quais ele não precisa. Esta parece ser uma grande crítica de Palahniuk, em relação à sociedade que se tornou materialista, direcionando seus sentimentos mais para objetos que para relações pessoais.

Há um momento que se pode perceber como o narrador sente ciúmes de Tyler, principalmente com Marla. O narrador criou um laço afetivo muito forte com ele e alimenta uma paixão intensa; uma vez que o admira e fará de tudo por ele, e agora, de repente, a mesma pessoa que tirou seu sono, é uma ameaça para toda a relação do casal.

Digo a Tyler que Marla não precisa de um amante, e sim de um assistente social.

- Não chame isso de *amor* – Tyler responde.

Resumindo a história, agora Marla resolveu arruinar outra parte da minha vida. Desde a faculdade eu arranjo amigos, eles se casam e eu perco esses amigos.

Está bem.

Ótimo, falo.

Tyler pergunta se aquilo é um problema para mim.

Sou o Nó no Estomago de Joe.

Respondo que não, que está tudo bem.

Coloque logo uma arma contra minha cabeça e pinte a parede com meu cérebro.

Digo que está tudo ótimo. De verdade. (PALAHNIUK, 1996, p.61/62)

Depois disso, quando estão conversando na cozinha logo após Marla sair da casa, há resquícios de grande admiração e paixão por Tyler quando, além de deixá-lo babar sua mão, não questiona o discurso um tanto quanto sem sentido que ele está fazendo enquanto segura a soda caustica bem acima de sua mão. Tal comportamento demonstra confiança, pois ele está perceptivelmente em uma situação de risco e simplesmente não consegue se importar, pois a pessoa com quem ele está no momento é quem ele mais admira e se inspira em ser, portanto, não há motivo para temer.

Neste trecho em questão, Tyler está entrando abusivamente na mente do narrador. É um momento onde ele revela sua personalidade maldosa, e mais que isso, manipuladora. Ele sabe que precisa do narrador para existir, tem plena consciência que o corpo que ele habita não é só dele, e precisa ter o narrador em suas mãos. Nesse momento, Tyler faz uso de um discurso moralista e faz o narrador prometer que jamais falará sobre ele com ninguém, principalmente com Marla, ameaçando sumir da vida dele caso isso aconteça. Ele sabe que o narrador não quer que isso aconteça, porque a partir do momento que eles se conheceram, o narrador ganhou uma pessoa para se inspirar, ganhou uma companhia e já não está mais sozinho como antes:

Tyler tira a tampa da lata de soda caustica.

– Você poderia explodir pontes. – Ele fala. – Você pode misturar a nitroglicerina com mais ácido nítrico e parafina e fazer gelatina explosiva. Poderia explodir um prédio facilmente.

Tyler coloca a lata a um centímetro acima do brilho molhado do beijo nas costas da minha mão.

- Isso é uma queimadura química – Tyler diz -, e vai doer muito mais do que qualquer queimadura que tenha tido. Pior do que cem cigarros.

A marca do beijo brilha nas costas da minha mão.

- Você vai ficar com uma cicatriz. Com muitos sabonetes – Tyler continua – você poderia explodir o mundo. E agora se lembre de sua promessa.

E então Tyler derruba a soda caustica. (PALAHNIUK, 1996, p.73)

Em nenhum momento o narrador questiona o que ele está fazendo, muito menos demonstra relutância ou desconfiança. Ele sabe o que vai acontecer assim que Tyler virar a soda cáustica e ela entrar em contato com a saliva, mas ele não discute, apenas permite. Ele, literalmente, confia em Tyler com a sua vida, até porque foi só depois de conhecê-lo que ele recuperou o propósito de viver. O fetiche que ele sente por Tyler é como se fosse um escape para a sua depressão.

Adoro tudo a respeito de Tyler Durden, sua coragem e inteligência. Sua energia. Tyler é engraçado, charmoso, forte e independente, e os homens olham para ele e esperam vê-lo no comando de seus mundos. Tyler é capaz e é livre, e eu não. Não sou Tyler Durden. (PALAHNIUK, 1996, p.175)

A citação acima vem logo após o narrador descobrir que ele e Tyler tratam-se de apenas uma pessoa. Ele não consegue aceitar que uma pessoa tão incrível também seja ele, porque, em sua perspectiva, ele apenas é uma pessoa sem valor. Quando ele está dentro do carro com mais três macacos espaciais, enfrentando uma situação imposta por Tyler para que eles confessem seus maiores desejos enquanto estão arriscando a própria vida no trânsito – isso sendo, inclusive, uma das “atividades de casa” definidas por Tyler para o Projeto Desordem e Destruição – ele reflete:

O meu desejo neste momento é morrer. Não sou nada no mundo se comparado a Tyler. Sou impotente. Sou um idiota e tudo o que faço é querer e precisar de coisas. Minha vidinha. Meu empreguinho de merda. Minha mobília sueca. Eu nunca, nunca mesmo, contei isso a ninguém, mas antes de conhecer Tyler estava planejando comprar um cachorro e chamá-lo de “Companheiro”. Isso mostra o quão ruim a sua vida pode ficar. Mate-me. (PALAHNIUK, 1996, p.144)

Assim como dito por Jesse Kavadlo no artigo intitulado “*The fiction of self-destruction: Chuck Palahniuk, closet moralist*”: “*As attractive as Tyler seems, his philosophies are a fantasy and a delusion, as Tyler himself turns out to be. Even after discovering that he and Tyler are one, the narrator denies their connection.*”²⁹ (KAVADLO, 2005) Ou seja, é extremamente difícil para o narrador acreditar que uma pessoa tão completa como Tyler Durden tenha sido obra da sua própria mente, criado por ele mesmo, uma pessoa que não se ama, que não tem capacidade para

²⁹ Tradução livre: A ficção da auto-destruição: Chuck Palahniuk, moralista do armário: Por mais atraente que Tyler pareça, suas filosofias são uma fantasia e uma ilusão, assim como o próprio Tyler acaba sendo. Mesmo depois de descobrir que ele e Tyler são um só, o narrador nega a conexão deles.

nada além de deitar no sofá e lamentar sua vida patética, que precisa frequentar grupos de apoio a pessoas com doenças terminais para conseguir dormir. E então ele conhece Tyler:

A primeira vez que me encontrei com Tyler eu estava dormindo. Eu estava cansado, enlouquecido e apressado e sempre que embarcava em um avião eu desejava que ele caísse. Tinha inveja das pessoas morrendo de câncer. Odiava minha vida. Estava cansado e entediado do meu trabalho e da minha mobília e não conseguia ver um jeito de mudar as coisas. Via apenas como terminar com tudo. Me sentia encurralado. Eu era completo demais. Perfeito demais. Queria encontrar um jeito de escapar da minha vidinha. Manteiguinha para um e assento apertado e ruim era o meu papel no mundo. Mobília sueca. Arte rebuscada. Tiro férias. Durmo na praia e quando acordo lá está Tyler Durden, nu e suado, sujo de areia, cabelos molhados e fibrosos caídos sobre o rosto. (PALAHNIUK, 1996, p.174)

Tyler surge em um momento em que o Narrador está precisando mais que tudo de uma companhia, de uma pessoa que seja o seu Norte, que o faça parar de constantemente desejar morrer. Ele acorda em uma praia e se depara com um homem deslumbrante em sua frente, e de repente, tudo se conserta.

No capítulo 13, há momentos explícitos de empatia do narrador em relação a Marla. Ela o chama para verificar se ele também consegue sentir nódulos em seus seios – nesse momento da narrativa, Marla não sabe com qual personalidade está lidando, já que ainda não tem conhecimento de que Tyler é uma dupla personalidade do narrador. Quando ele vai até o apartamento de Marla e conversa com ela enquanto confere se há nódulo em seu seio, pode-se interpretar que há uma grande demonstração de sentimento, quando ele tenta desviar sua atenção, mesmo que por um minuto, do medo que ela possui de estar com câncer de mama. Ele conta sobre quando era mais jovens e os enfermeiros confundiram sua marca de nascença com um câncer raro que estava começando a se espalhar (p.104), fazendo piada de como por um minuto ele teve câncer terminal, porque ele quer divertir Marla e porque ele se importa e gosta dela, até procura palavras de conforto para que ela se sinta o melhor possível, como: “Digo a Marla que é assim que é o câncer. Sempre haverá erros, mas o ponto é não se esquecer do resto de você se uma pequena parte talvez ficar ruim”. (PALAHNIUK, 1996, P.105)

Ele continua contando histórias para ela de momentos com sua família, cada vez demonstrando mais como ele quer que ela se sinta bem, e ele até narra em certo momento:

“Marla não está rindo. Quero fazê-la rir, aquecê-la. Fazer com que me perdoe por causa do colágeno, quero dizer a ela que não há nada ali para ser encontrado. Se ela achou algo naquela manhã, foi um erro. Uma marca de nascença.” (PALAHNIUK, 1996, p.106)

É interessante também notar que ele, a princípio, não entende o motivo de Marla tê-lo chamado ali em vez de Tyler, pois é com Tyler que ela mantém um relacionamento carnal, é por causa dele que ela frequenta a casa na *Paper Street*: “Imagino que ela não ligou para o Tyler porque não quer assustá-lo. Eu sou uma pessoa neutra para ela e estou em débito”. (PALAHNIUK, 1996, p.103) Isso remete novamente à imagem negativa e sem valor que ele tem de si mesmo. Também evidencia a questão de como ele se importa com os sentimentos alheios ao dizer que acredita que Marla apenas o chamou ali porque não quer assustar Tyler.

Ao final do enredo, o narrador confessa para Marla, e para si mesmo, que gosta dela:

– Por que eu deveria acreditar em tudo isso? – Tudo acontece muito rápido. Digo que é porque eu acho que gosto dela. – Não me ama? – Ela pergunta.
Este já é um momento muito constrangedor, não force a barra.
(PALAHNIUK, 1996, p.199)

Nesse momento, já ciente de seu transtorno de personalidade, ela confessa para ele que também gosta dele:

- Não é amor nem nada – Marla grita -, mas acho que também gosto de você.
Um minuto.
Marla gosta de Tyler.
- Não, eu gosto de você – Marla grita. – Eu sei a diferença. (PALAHNIUK, 1996, p.207)

Dito isso, conclui-se que Tyler e o narrador remetem-se a personalidades bem opostas: uma reflete fortes indícios de personalidade antissocial, que não consegue sentir o mínimo de empatia para com o outro; e a outra apenas é uma pessoa triste que só precisa de alguém para compartilhar momentos vividos na sua vida e, quando isso acontece, ele não quer deixar de demonstrar que sente e se importa com os sentimentos alheios.

6. MARLA SINGER

“A arma, a anarquia e a explosão, tudo tem a ver com Marla Singer”

PALAHNIUK, p. 15

O narrador descreve Marla Singer da seguinte forma:

Cabelos curtos e desgrenhados, olhos grandes iguais aos de um desenho japonês, branca como leite aguado, meio amarelada em seu vestido com desenhos de rosas negras. [...] A divisão de seus cabelos é um raio torto de couro cabeludo branco. (PALAHNIUK, 1996, p.20)

Diante do exposto, pode-se entender que Marla é uma mulher fora dos padrões de beleza impostos pela sociedade. Assim como o narrador, já perdeu todas as esperanças em sua vida e começou a não se importar com nada – a ponto de fumar cigarros tranquilamente enquanto está em um grupo para pacientes com câncer (p.20). Poucas coisas sabemos sobre Marla: seu nome, onde mora – em um quarto de hotel sem graça –, sua desesperança e que sua mãe é vaidosa a ponto de frequentemente fazer procedimentos estéticos e dar sua gordura retirada para que Marla eventualmente possa fazer procedimentos estéticos nela também (capítulo 11). Nos é descrito, ainda, o que ela fazia antes de conhecer o narrador:

Marla começou a trabalhar vendendo planos funerais para um necrotério onde, as vezes, homens gordos, mas em geral mulheres gordas, saiam do showroom carregando uma urna de crematório do tamanho de um ovelheiro e Marla se sentava à sua escrivaninha na entrada com o cabelo preso, a meia-calça furada, o caroço no seio e a condenação pairando sobre a cabeça e dizia:

- Não tente se enganar, senhora. Não conseguiria colocar nem a cabeça cremada nessa coisinha. Volte lá e pegue uma urna do tamanho de uma bola de boliche. (PALAHNIUK, 1996, p.110)

Marla é uma pessoa fria, que não se importa muito com empatia. Mesmo assim, carrega uma gama de sentimentos – a maioria deles negativos – a exemplo de como ela considera os pacientes em estado terminal sem salvação, já mortos:

Marla me diz que entre a clínica e os grupos de apoio ela tinha conhecido um monte de gente que já havia morrido. Aquelas pessoas estavam mortas e do outro lado, e à noite elas telefonavam. Marla ia a bares e ouvia os atendentes chamando seu nome, mas quando pegava o telefone a linha estava muda. Naquela época, ela achou que aquilo era o fundo do poço. (PALAHNIUK, 1996, p.110)

O narrador relata: “o coração de Marla tem a aparência da minha cara. O lixo do mundo. Humano limpador de bundas depois de consumido e que ninguém jamais

teria o trabalho de reciclar” (p.110), no sentido de que Marla é o tipo de pessoa com a qual os outros não se importam e que não agrada ninguém, nem tem intenção de fazê-lo. Assim como o narrador, ela é uma pessoa completamente sozinha, mas, diferente dele, ela não é escrava do sistema. Ela apenas quer compreender o motivo de continuar viva: “A filosofia de vida de Marla, ela me disse, é que ela pode morrer a qualquer momento. A tragédia na vida dela é que ela não morre.” (p.109) De acordo com Pimentel (2006), Marla é

a imagem do cinismo que expõe o subterfúgio o qual o protege (a nova terapia) da armadilha que é a sua própria vida. Ignorando as regras do jogo do poder, Marla rompe sem traumas ou pudores e se apropria livremente do que necessita. Para ela, questões como propriedade, leis do próprio esforço, direitos civis, imagens de dignidade, respeito e cidadania, trabalho e lazer perderam legitimidade (PIMENTEL, 2006, p. 59).

Após encontrar o primeiro nódulo em seu seio (p.109), Marla começa a frequentar grupos de apoio a pacientes com doenças terminais, pois para ela era mais fácil estar perto de outros “limpadores de bunda” do que em clínicas (p.109/110). É nesse contexto que ela conhece o narrador e desencadeia nele um sentimento de raiva:

Aquela mulher também estava em meu grupo de apoio a tuberculose na sexta à noite. E na mesa-redonda de melanoma de quarta-feira à noite. Na segunda à noite aparecia no meu grupo de leucemia chamado Crentes Fervorosos. [...] A única mulher presente aqui no Homens Remanescentes Unidos, o grupo de apoio ao câncer de testículo, fuma seu cigarro sob o fardo de um estranho, mas seus olhos vêm de encontro aos meus. Falsa. Falsa. Falsa. (PALAHNIUK, 1996, p.20)

Acontece que Marla percebe que o narrador também está vivendo a mesma mentira que ela ao frequentar todos esses grupos “sem necessidade” e, ao confrontá-la, eles entram em um acordo para revezarem os dias que cada um irá para um grupo específico para evitar que continuem se encontrando: “criamos um esquema que funciona assim: se eu quiser ir a um grupo de apoio, ligo para ela e vejo se ela está planejando ir. Ontem à noite tinha o melanoma e eu estava me sentindo meio deprimido” (p.58). Tudo que o narrador mais quer é voltar a dormir e, desde que conheceu Marla, não consegue mais. Daí o impacto que ela causa nele desde o primeiro encontro: “Naquele momento a mentira dela reflete a minha, e tudo o que consigo ver são as mentiras, bem no meio de todas as verdades deles” (p.25). Ou seja, a partir do momento que ele encontra outra pessoa que só está

frequentando os grupos com o mesmo propósito que ele – experienciar a desgraça alheia para proveito próprio - ele não consegue mais se concentrar.

Tendo em vista que o único contato real que Marla teve com alguém nesses grupos foi com o narrador, e que ele deu seu número de telefone para que eles pudessem combinar os desencontros, ele é a única pessoa que ela tem em mente após sua tentativa de suicídio através da ingestão de Xanax³⁰ (p.59). Quando ele vai ao seu encontro, é um momento que, na lembrança dele, ele estava em casa dormindo. E assim ela conhece Tyler Durden. A partir desse momento ela se torna um fardo maior do que já era para o narrador, pois está frequentemente em sua casa graças a seu relacionamento com Tyler. Sua existência também serve para o leitor identificar e se manter atento à leitura ao fato de que Tyler e o narrador são só um; por exemplo:

Em uma manhã encontro uma camisinha que parece uma água viva morta boiando na privada. Foi assim que Tyler conheceu Marla. [...] Sonhei a noite toda que estava transando com Marla Singer. Ela fumava seu cigarro. E virava os olhos. Acordo sozinho na cama e a porta do quarto de Tyler está fechada. A porta do quarto dele nunca está fechada. (PALAHNIUK, 1996, p.57)

Depois disso, ele narra sobre como Tyler e Marla estarem mantendo certo tipo de relacionamento é sua culpa, atribuindo ao momento em que ele ignorou a ligação dela (no dia da tentativa de suicídio) e, ao invés de ficar ouvindo seus lamentos, apenas a deixou falando sozinha, foi para o Melanoma, voltou para casa e dormiu. Sabemos que é nesse momento que Tyler assume o corpo do narrador – sempre que ele dorme. Foi aí que ele a resgatou e ela pediu para mantê-la acordada a noite toda: “Depois do Melanoma na noite passada, voltei para casa, deitei na cama e dormi. E então sonhei que comia, comia e comia Marla Singer” (p.59). A partir daí a raiva que o narrador sente por Marla só aumenta, acrescida dos ciúmes que ele começa a sentir de Tyler. “Como posso competir com ela pela atenção de Tyler? Sou o Sentimento de Rejeição Inflamado e Enraivecido de Joe.” (p.60)

É a partir daí que ela começa a ficar cada vez mais frequente na vida dele. No ponto de vista de Marla, existe apenas um homem, pois ela não sabe que está convivendo com uma pessoa que tem dupla personalidade. Isso a coloca em situações que a afetam bastante, como o momento em que ela descobre que Tyler

³⁰ Medicamento que ajuda a controlar ansiedade, situações de pânico e fobias.

está cozinhando a gordura da mãe dela para fazer sabão, e todas as vezes que depois de passar uma noite fervorosa com Tyler, ela é tratada com desprezo e arrogância pelo narrador:

Nós já transamos?

- Eu poderia matar você!

Isso é um sim ou não?

- Sabia que isso aconteceria – Marla diz. – Você é tão instável. Primeiro me ama. Depois me ignora. Salva minha vida e depois cozinha minha mãe e a transforma em sabão. (PALAHNIUK, 1996, p.160)

Apesar de tudo, ela está criando cada vez mais sentimentos afetivos que não consegue controlar. Marla é o lado mais humano do narrador: foi ele quem salvou sua vida e renovou nela sentimentos positivos que já não sentia há muito tempo. Assim, ela se apega ao narrador e a Tyler ao mesmo tempo, e com o passar dos dias, ela consegue perceber que, por mais que seja um só corpo, se trata de duas personalidades diferentes. No final da história, ela fala para o narrador que gosta dele, e ele rebate falando que ela gosta de Tyler e ela diz que sabe a diferença e que é dele mesmo que ela gosta (p.207).

Após descobrir que Tyler Durden é sua dupla personalidade, o narrador confia apenas em Marla. É por causa dela que ele acredita de fato que é o próprio Tyler, mesmo depois de ouvir os macacos espaciais tentando convencê-lo. Em certo momento ele liga para Marla e pergunta seu nome; ela logo se estressa, mas o chama de Tyler e, só então, ele acredita prontamente que tem dupla personalidade. Tamanha confiança pode implicar que o narrador também tem sentimentos afetuosos por Marla:

Pergunto a Marla como nos conhecemos.

- Naquele negócio do câncer de testículos – ela responde. – E depois você salvou a minha vida.

[...] Tyler salvou a sua vida.

- Você salvou a minha vida. Você salvou a minha vida! – Marla repete. – No Regent Hotel. Eu tentei me suicidar acidentalmente, lembra?

Oh. Acabamos de perder a pressão na cabine. Pergunto a Marla qual o meu nome.

- Tyler Durden – Marla responde. – Seu nome é Tyler Limpa Bundas Cabeçudo Durden. Você mora na Paper Street, 5.123 NE, local que agora está repleto dos seus pequenos discípulos raspando a própria cabeça e queimando a pele com soda caustica. (PALAHNIUK, 1996, p.160)

Depois disso, é apenas nela que ele confia. É possível notar que, apesar daquela mulher fria e melancólica que conhecemos no início da narrativa, existe

uma mulher doce, calma, curiosa, e até mesmo inocente, disposta a enfrentar situações extremas pela pessoa por quem se apaixonou e ajudá-lo:

Quando eu durmo, não durmo de verdade.

- Não – Marla diz -, você não dorme.

Tyler é outra personalidade que criei e agora ele está ameaçando tomar a minha vida real.

- Igual a mãe de Tony Perkins em *Psicose* – Marla diz. – Mas que legal. Todo mundo tem suas particularidades. Uma vez namorei um cara que não conseguia parar de colocar piercings. (PALAHNIUK, 1996, p.174)

Nesse momento podemos enxergar Marla no auge de sua inocência, quando ela não enxerga a situação de risco na qual está inserida – ou simplesmente não se importa, já que faz muito tempo que ela parou de se importar com as coisas da vida. Marla pode, também, ser considerada como um alívio cômico em meio a toda a tensão envolvida neste momento da narrativa.

No final, Marla – e alguns participantes dos grupos de doenças terminais – são as únicas pessoas acompanhando o narrador. Eles estão no topo do prédio mais alto do mundo onde o plano de Tyler está prestes a se concretizar. O narrador está com uma arma na boca com a certeza que se ele se matar, também matará Tyler, salvando assim a humanidade. Marla está ali com ele e tenta salvar sua vida, pois não quer perdê-lo. O esforço foi insuficiente e o narrador acaba apertando o gatilho. Da forma que o desfecho da história é narrado, pode-se acreditar que o autor teve intenção em fazer os leitores acreditarem que o narrador concretizou seu suicídio (anos mais tarde, na obra *Clube da Luta 2* (2015) ele e Marla estão presentes e casados).

Marla é a representação do afeto na narrativa, é a prova de que mesmo em meio ao caos, a tristeza, a falta de fé e de esperança, o amor pode existir em sua forma singular, mesmo que aqueles que o sintam insistam em negar a existência do sentimento:

Marla ainda está na Terra e sempre escreve para mim. Ela diz que um dia eles me levarão de volta. E se houvesse um telefone no Paraíso, eu ligaria para Marla de lá e no momento que ela dissesse 'alô', eu não desligaria. Eu diria 'oi, como vão as coisas? Me conte tudo". (PALAHNIUK, 1996, p. 210)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ler *Clube da Luta* em 2019, podemos observar o cenário político e psíquico da sociedade. O romance trata de fatos que parecem óbvios, mas continuam sendo ignorados, como a inobservância acerca das doenças mentais causadas por pressões sociais e suas consequências. “*No era depresión, era capitalismo*”. Recentemente vi esta frase pichada em um muro, e logo associei ao meu trabalho de conclusão de curso.

Vivemos em uma geração repleta de pressões que envolvem a vida acadêmica, profissional, amorosa, visual, e *Clube da Luta* consegue tratar disso tudo de uma forma cativante, porém por vezes assustadoras. Palahniuk não mediu esforços em suas críticas ao estilo de vida da geração de 1990, que segue até hoje. A princípio, a leitura pode retratar uma mera narrativa de ação. Entretanto, é necessário enxergar a mensagem crucial nela contida: a exposição da luta de classes e suas consequências psicológicas.

A sensibilidade de um escritor, a sua capacidade de enxergar o mundo e pinçar nos seus movimentos a complexidade dos seres que o habitam realizam-se na articulação verbal. Nesse mundo de palavras, nessa combinatória de signos, o leitor vai se alfabetizar, ler o mundo e decifrar a sua existência. (BRAIT, 1985)

A obra consegue abordar temas como depressão, amor, obsessão e anarquia de forma atraente. Além disso, encontra espaço para explorar o intrigante distúrbio conhecido como Transtorno Dissociativo de Identidade. Sua escrita remete à observação de Betty Brait, em seu livro “A personagem”, onde ela constata:

Tomando como medida o romance moderno, empenhado cada vez mais em distanciar a personagem dos esquemas fixos que delimitam o ser fictício, teremos que admitir que esse recurso ajuda a multiplicar a complexidade da personagem e da escritura que lhe dá existência. Mas não é uma receita para a construção de personagens mais densas: tudo, como sempre, vai depender da perícia do escritor, de sua capacidade de selecionar e combinar os elementos que participam da arquitetura da personagem. (BRAIT, 1985)

Assim, não posso deixar de mencionar a escrita irônica de Palahniuk ao tratar de assuntos tão sérios, fazendo com que, ao final da leitura, estejamos pensantes sobre nossas escolhas de vida e situações mentais. Neste artigo, busquei analisar e considerar a percepção de que as exigências impostas pela sociedade são possíveis molas propulsoras para o acometimento de doenças mentais, uma vez que nem

sempre conseguimos entregar aquilo que é exigido para que possamos provar sucesso nas nossas escolhas. Além disso, pude perceber como podemos ser facilmente manipulados a seguir os passos daqueles que aparentam mais conhecimento e sabedoria do que nós mesmos, como múltiplas personalidades podem ser muito mais perigosas do que as pessoas enxergam, e como muitas vezes precisamos prestar muita atenção nos ideais alheios que apoiamos por parecerem ser certos, mas acabam sendo de todo um mal que pode ser enxergado tarde demais.

Palahniuk nos entregou um romance com citações capazes de servir como conselhos e clarear nossos pensamentos e ideias, mas também evidenciou uma verdade por muitos ignorada: estamos em uma era triste, onde muitas vezes procuramos recursos desesperados para podermos ao menos sentir alguma coisa, por estarmos tão desesperançosos com tudo na vida, e por vezes acabamos esquecendo que certos recursos de escape da realidade podem ser fatais. Entretanto, não podemos olvidar que de uma forma ou de outra, estamos todos no mesmo barco, não importando quem tem mais riquezas ou privilégios. Devemos ter cuidado porque sempre pode haver uma pessoa que está farta das exigências sociais – muitas vezes nem os que exigem conseguem entregar o que lhes é pedido – urinando em nossa sopa no restaurante mais caro da cidade.

Sendo assim, diante da apresentação da obra, descrição do enredo, análise das personagens e estrutura narrativa, consideramos que o narrador pode vir a ser o leitor ou leitora, cujo Tyler interior pode emergir. Dentro de uma sociedade autocentrada, a existência de sete regras do viver seria sedutora. O caos e a destruição não estão nas explosões e sim, nas implosões de cada personagem analisado. Almejo contribuir para o debate sobre esta história pela qual meu fascínio pela estrutura narrativa e pelos diálogos inesperados não tenha bloqueado minha análise crítica. Espero também incentivar outras abordagens sobre esta obra literária de tantas personalidades em uma personagem no qual a trama ocorre, em que a personalidade chega à conclusão de ser uma espécie de *meme*, mas isto fica como sugestão para outras pesquisas. O livro se encerra com a ideia de que seja preciso destruir para construir um mundo melhor sintetizado num sussurro: “Esperamos ansiosos pela sua volta” (p.210). Espero que tal entorno permaneça na esfera do literário para repensar os sujeitos e o mundo ao seu redor. Assim espero.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Tiago. **Definição de projeção na psicologia freudiana (psicanálise)**. 2016. Disponível em: < <https://psicoativo.com/2016/01/projecao-freudiana-projecao-segundo-freud.html>>. Acesso em 29 out. 2019.
- BIENENFELD David. Personality disorders. **eMedicine**. 2002 Disponível em: <<http://www.emedicine.com/med/Topic3472.htm>> Acesso em 07 out.19.
- BOON, Kevin. Men and Nostalgia for Violence: Culture and Culpability in Chuck Palahniuk's Fight Club. **The Journal Of Men's Studies**, [s.l.], v. 11, n. 3, p.267-276, 1 abr. 2003.
- BRAIT, Beth. **A personagem** / Beth Brait. São Paulo: Ática, 1985. p. 84-2303
- ELIA, Josephine. **Distúrbios de Conduta**, 2017. Disponível em: <<https://www.msmanuals.com/pt-br/profissional/pediatria/transtornos-mentais-em-criancas-e-adolescentes/disturbios-de-conduta>>. Acesso em: 07 out. 2019.
- FAURE, Henri et al. The 19th century did case of louis vivet: new findings and reevaluation. **Dissociation**, [s.l.], v. 10, n. 2, p.104-113, jun. 1997.
- FREUD, Sigmund. **Group Psychology and the Analysis of the Ego**. Trad. James Strachey, 5ª edição, Londres: The Hogarth Press Ltd & Clarke, Irwin & Co. Ltd, 1949.
- FRONTEIRAS. **Gilles Lipovestky: Qual o significado do consumo em nossas vidas?** 2018. Disponível em: <<https://www.fronteras.com/entrevistas/gilles-lipovestky-qual-o-significado-do-consumo-em-nossas-vidas>>. Acesso em: 29 out. 2019.
- GALILEU. **10 Curiosidades sobre Chuck Palahniuk, autor de “Clube da Luta”**. 2018. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2018/02/10-curiosidades-sobre-chuck-palahniuk-autor-de-clube-da-luta.html>>. Acesso em 06 out. 2019.
- GALLOTTE, Bruno. **O que é um psicopata? Compreendendo a psicopatia e suas particularidades – Parte 1**. 2017. Disponível em: <<http://revistasimplesmente.com.br/o-que-e-um-psicopata-compreendendo-psicopatia-e-suas-particularidades/>>. Acesso em 07 out, 2019.
- GRAYSON, E. M. et al. Stirrings Still. **The International Journal of Existential Literature**, v. 2, n. 2, p. 1–168, 2005.
- GROHOL, John. **15 Common Defense Mechanisms**. 2019. Disponível em: < <https://psychcentral.com/lib/15-common-defense-mechanisms/>>. Acesso em 29 out. 2019.
- HAN, Byung-Chul **Sociedade do cansaço / Byung-Chul Han**; tradução de Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **O foco narrativo: ou A polêmica em torno da ilusão**. 10. ed. São Paulo: ática, 2002. 90 p.

LEWIS, C.; DESSEN, A. O pai no contexto familiar (Fathers in family life). **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 15, p. 9–16, 1999.

MEDEIROS, Ewerton. **Acredita em superstição? Então veja estes números do azar**. 2017. Disponível em: <<https://www.megacurioso.com.br/supersticoes/69486-acredita-em-supersticao-entao-veja-estes-numeros-do-azar.htm>>. Acesso em 17 out. 2019

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2016. 296

MORANA, Hilda C. P. STONE, Michael, H. FILHO, Elias, Abdalla. Transtornos de personalidade, psicopatia e serial killers. [s.l.]. **Rev. Bras Psiquiatr.**v. 28. n. 1. p. 74 – 79. 2006

PALAHNIUK, Chuck. **Clube da Luta: edição de colecionador**. Trad. Cassius Medauar... [et al]. São Paulo: Leya, 2016.

PALAHNIUK, Chuck. I made up most of it, honest. **Los Angeles Times**, Los Angeles, 1999. Disponível em: <<https://www.latimes.com/archives/la-xpm-1999-sep-12-ca-9490-story.html>> Acesso em 16/11/19.

PIMENTEL, Gláucia Costa de Castro. Clube da Luta: fábula anarquista pós-moderna sobre a dialética entre a civilização e a barbárie. **Revista Galáxia**, São Paulo, nº11, p.57-71, Jun.2006.

Quebrando a primeira regra do Clube da Luta (1999), 2018. 1 vídeo (21 min. 47seg.). Publicado pelo canal Elegante. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eO43sbpLlbs>>; Acesso em 13/10/19.

RIBEIRO, Paulo Jorge. A era da frustração: melancolia, contra-utopia e violência *na obra Clube da Luta*. **Revista de Antropologia.**, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 221-241, 2002. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012002000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 out. 2019

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da educação**. Rio de Janeiro, Editora Lamparina, 2007. Acesso em 15 nov. 2019.

SIQUEIRA, Vinicius. **O que é alienação em Marx?** 2014. Disponível em: <<https://colunastortas.com.br/o-que-e-alienacao-em-marx/>>. Acesso em 15/11/19.

SKODOL, Andrew. **Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS)**. 2018. Disponível em: <<https://www.msmanuals.com/pt-br/profissional/transtornos-psiQUI%3%A1tricos/transtornos-de-personalidade/transtorno-de-personalidade-antissocial-tpas>>. Acesso em 07 out. 2019.

SPIEGEL, David. **Transtorno dissociativo de identidade**. 2017. Disponível em: <<https://www.msmanuals.com/pt/profissional/transtornos-psiQUI%3%A1tricos/transtornos-dissociativos/transtorno-dissociativo-de-identidade>>. Acesso em 16 out. 2019.

TERRA. **Há 12 anos, estudante matou 3 pessoas e feriu 4 em cinema de SP**. 2012. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/policia/ha-12-anos-estudante-matou-3-pessoas-e-feriu-4-em-cinema-de-sp,8120ac68281da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em 15 out. 2019.

THEISEN, A. P. **A função materna na constituição psíquica**. p. 39, 2014.

VIANCO, André. **Conheça Chuck Palahniuk**. 2018. Disponível em: <<http://leya.com.br/blog/conheca-chuck-palahniuk/>>. Acesso em: 06 out. 2019.